



UC/FPCE_2015

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa

Pedro Tiago Arcanjo Pereira (pedro_arc3@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Maria Teresa Mesquita Carvalho Sousa Machado

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução e adaptação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa

Resumo

A imprevisibilidade familiar definida como uma falta de consistência de padrões de comportamento familiar e sistemas de regulação familiar, consiste num domínio fundamental na dinâmica familiar que permite compreender o funcionamento de uma família de uma forma mais abrangente. Este constructo, segundo investigações realizadas, apresenta associações com importantes dimensões da vida dos sujeitos. Assim, este projeto pretende apresentar estudos preliminares de tradução, adaptação e de validação da *Retrospective - Family Unpredictability Scale*, de Lisa Ross e Jennifer McDuff, para Portugal, recorrendo a uma amostra de 261 estudantes do ensino superior da Universidade de Coimbra, procurando aferir o uso deste instrumento, através de realização de análise da dimensionalidade, fiabilidade, correlações e alguns estudos complementares. Foi também investigada a relação entre a imprevisibilidade familiar retrospectiva e a perspetiva temporal de futuro, recorrendo aos instrumentos *Retrospective - Family Unpredictability Scale* (Ross & McDuff, 2008) e *Future Time Perspective Scale* (Husman & Shell, 2008).

Os resultados sugerem que a *Retrospective - Family Unpredictability Scale* revela bons índices de dimensionalidade, respeitando a estrutura original do instrumento e também bons índices de fiabilidade para os domínios disciplina, afeto maternal, afeto paternal. Quanto aos domínios refeições e finanças, os valores respeitantes à fiabilidade demonstram-se menos satisfatórios. Todos os domínios se correlacionam entre si de forma estatisticamente significativa com direção positiva. As correlações entre a imprevisibilidade familiar em retrospectiva e a perspetiva temporal de futuro vão ao encontro das evidências até então estudadas que indicam uma correlação negativa entre estas duas variáveis.

Palavras chave: Imprevisibilidade familiar; Retro-FUS; Adaptação; Validação; Perspetiva temporal de futuro

Family unpredictability and future time perspective in higher education students: translation and adapting study of the Retrospective Family Unpredictability Scale (Retro-FUS) for the Portuguese population

Abstract

Family unpredictability defined as the absence of consistent family behavior standards and family regulation systems consists of a major domain of the family dynamics that allows to understand how a family functions in a more comprising manner.

This construct, according to some researches, presents associations with important dimensions of the person's life. Therefore, this project aims to present preliminary studies of translation, adapting and validation of Lisa Ross and Jennifer McDuff's Retrospective - Family Unpredictability Scale (Retro-FUS) for Portugal, using a sample of 261 higher education students of the University of Coimbra. The study seeks to test this instrument with regards to the analysis of dimensionality, liability, correlations and some complementary studies.

The relation between the retrospective family unpredictability and the future time perspective is also under analysis, when applying the Retrospective - Family Unpredictability Scale (Ross & McDuff, 2008) and the Future Time Perspective Scale (Husman & Shell, 2007).

The results suggest that the Retro-FUS has good performance levels on dimensionality, following the original structure of the instrument and also good performance levels on liability for domains such as discipline, motherhood and fatherhood affection. For domains such as finance and meals, the values for liability are less satisfactory.

All the domains present a positive direction when correlated statistically. The correlations concerning family unpredictability and the future time perspective confirm the existing studies that indicate a negative correlation between these two variables.

Key words: Family unpredictability; Retro-FUS; Adapting; Validation; Future time perspective

Agradecimentos

À minha mãe, a minha inspiração, âncora, motivação e exemplo completo do que posso e devo ser. Acima de tudo obrigado pelo carinho, compreensão e constante amor.

À Professora Doutora Teresa Sousa Machado pela excelente orientação, pela paciência e pelos incentivos durante todo o ano. Foi um gosto enorme em poder trabalhar consigo.

À minha avó, tias, tios, primas e primos por serem a maior fonte de apoio e de tranquilidade. Quanto a ti Carolina, que os meus sucessos de hoje sejam metade dos teus de amanhã.

Ao António, Diogo, Joana, Luís, a um grupo forte da Geração de 90 e à Malta Lisboaeta. Um obrigado por fazerem questão de marcar presença em todos os momentos felizes da minha vida. Terei todo o prazer em continuar a regar estas belas “amorzades”.

Aos professores e colegas da Faculdade de Psicologia que me permitiram ser mais e melhor durante estes cinco anos.

A todos vós, o meu sincero e gentil obrigado.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento concetual	2
1.1. Imprevisibilidade Familiar	2
1.2. Perspetiva Temporal de Futuro	6
II – Objetivos	11
III - Metodologia	12
3.1. Amostra	12
3.2. Procedimento.....	12
3.3. Instrumentos.....	13
3.3.1. Retro-Family Unpredictability Scale.....	13
3.3.2. Future Time Perspective Scale	14
3.4. Tratamento de dados	15
IV - Resultados	17
4.1. Estudo da dimensionalidade do Retro-FUS.....	17
4.2. Estudo da fiabilidade do Retro-FUS.....	20
4.3. Estudo das correlações do Retro-FUS.....	23
4.4. Estudo das correlações entre o Retro-FUS e o FTPS.....	25
4.5. Estudos complementares	27
4.5.1. Estudo da imprevisibilidade familiar retrospectiva, consoante o género.....	27
4.5.2. Estudo da perspetiva temporal de futuro, consoante o género .	28
V - Discussão.....	30
VI – Conclusões.....	34
Bibliografia.....	36
Anexos	41

Introdução

A capacidade em compreender o mundo como previsível ou imprevisível advém desde os nossos primeiros momentos de interação com o meio familiar. Porém, nem sempre as famílias têm a capacidade para estabelecer padrões constantes nos seus comportamentos familiares. Trommsdorff (1994) considera a redução da imprevisibilidade familiar como uma necessidade humana central. Porém, existem famílias caracterizadas por comportamentos imprevisíveis que abarcam consequências para o seu bem estar que conduzirão a crenças de que o meio e o futuro são, também eles, imprevisíveis (Hill & Farmer, 2004). Parafrazeando Zimbardo (1992), podemos verificar o paralelismo e, mais importante, a relação entre previsibilidade ou imprevisibilidade familiar e a capacidade do sujeito em desenvolver uma perspetiva temporal de futuro saudável e adaptativa: “(...) *to develop into a future-oriented person requires growing up in a family and a community that are marked by some degree of stability; economic, social, political, and psychological*” (p. 8). E é precisamente a forma como percebemos o futuro que é considerada como uma característica chave da mente humana (McInerney, 2004; Nurmi, 2005; Zimbardo & Boyd, 1999). Nuttin e Lens (1985, cit. in Carvalho, 2007) afirmam que a forma como encaramos o futuro tem influência na forma como nos comportamos e agimos no presente. A maneira de perspetivar temporalmente o futuro terá impacto nos diversos domínios de vida do sujeito. Colocados estes pressupostos, é necessário investigar a relação entre comportamentos familiares imprevisíveis durante a infância dos sujeitos e a perspetiva temporal de futuro.

Apesar desta clara importância do constructo, este instrumento de auto-resposta criado por Ross e McDuff (2008) *Retro-Family Unpredictability Scale* ainda não foi validado para a população portuguesa.

Assim, o presente trabalho destina-se principalmente a apresentar o estudo de validação da *Retro-Family Unpredictability Scale* de Lisa Ross e McDuff para Portugal. Tem também o objetivo de investigar a relação entre a imprevisibilidade retrospectiva do meio familiar e a capacidade de perspetivar temporalmente o futuro em estudantes do ensino superior, na Universidade de Coimbra.

Numa primeira parte neste trabalho, será exposto um enquadramento teórico destas duas variáveis, bem como os procedimentos realizados para a adaptação do instrumento Retro-FUS.

Na segunda parte, apresentam-se os detalhes sobre o estudo exploratório realizado, expondo-se a metodologia, a amostra, os instrumentos utilizados, o procedimento na recolha de dados e os resultados que serão mostrados e devidamente discutidos na secção seguinte.

Os prós e os contras deste estudo exploratório são apresentados nas conclusões, que encerram a segunda parte.

I – Enquadramento concetual

1.1. Imprevisibilidade Familiar

O sistema familiar é o pilar na construção de um sujeito capaz de responder adaptativamente às exigências do meio. A família, nas suas condições ideais, apresenta os moldes necessários para garantir a protecção e autonomia dos diferentes elementos bem como uma integração social e cultural apropriada (Alarcão & Gaspar, 2007). Para que tal ocorra, as interações entre pais e filhos deverão ser caracterizadas por “inúmeros ensaios e negociações, mais ou menos explícitos, exigindo uma coerência e previsibilidade que garantam a estabilidade necessária ao percurso de cada etapa desenvolvimental bem como as mudanças que o crescimento individual e familiar implicam” (Alarcão & Gaspar, 2007, p. 90). Ou seja, tal como referido anteriormente, a previsibilidade dos comportamentos familiares deve ser uma premissa presente no funcionamento familiar.

Bandura (1992 cit. in Ross & Hill, 2002) interpreta previsibilidade como uma fonte de controlo mental, onde se assume que as consequências são reflexos de certos comportamentos. Este controlo sobre o ambiente tem vantagens tanto físicas como psicológicas (Cohen, 1980; Fleming, Baum, & Weiss, 1987, cit. in Ross & Hill, 2002), o que é confirmado pela investigação longitudinal realizada por Ross e Hill (2002) na qual se verificaram que a perceção da consistência parental (ao nível de atitudes e regras), avaliada por adolescentes de 13 anos, se relacionava com a sua saúde psicológica aos 50 anos. De facto, a necessidade de atribuir causalidade a um acontecimento e compreender as repercussões de um certo comportamento são das tendências mais frequentes na essência humana (Myers, 1990, cit. in Ross & Hill, 2002).

Porém, nem todos os sistemas familiares são pautados pela previsibilidade. A imprevisibilidade familiar é definida por Ross e Hill (2000) como uma falta de consistência dos padrões de comportamento familiar e dos sistemas de regulação familiar.

Matheny et al. descreve a o ambiente familiar como caótico quando a dinâmica deste carece de rotinas, resultando em elevados níveis de stress (cit. in Williams, 2010).

Ainda de acordo com Ross e Hill, a imprevisibilidade ocorre quando os elementos da família não são capazes de, ou não querem, cumprir consistentemente com as suas responsabilidades (Ross & Hill, 2000).

A imprevisibilidade pode também ocorrer quando os sistemas de regulação ou os mecanismos de manutenção das expectativas não ocorrem, por exemplo, quando a violação de regras não é punida (Ross & Hill, 2000). Este domínio dos estilos educativos parentais é também pertinente. Estratégias pautadas pela previsibilidade de regras e punições, sendo ambas claras e bem definidas, estão associadas ao desenvolvimento da própria criança ao nível de competências sociais e de menores números de problemas de comportamento. Por outro lado, um estilo parental inconsistente e imprevisível na disciplina (pouco responsivo) parece

associar-se a menor responsabilidade social e a maior dependência de outrem (Baumrind, 1996).

O conceito de imprevisibilidade familiar é baseado em duas teorias: a teoria da vinculação (Bowlby, 1969 cit. in Ross & Hill, 2000; 2002) e a teoria do abandono aprendido de Overmier e LoLordo (1975 cit. in Ross & Hill, 2000; Ross & Hill, 2002). Uma vinculação segura pressupõe que as respostas às necessidades da criança foram consistentes por parte dos seus cuidadores e assim, os esquemas da criança desenvolver-se-ão com a crença de que as suas ações afetam o meio onde se encontra. Por outro lado, respostas maternas às necessidades da criança que sejam inconsistentes e imprevisíveis revelaram-se posteriormente pautadas pela insegurança e por respostas ansiosas quando as crianças reencontram as mães (Ainsworth, 1979; Bretherton, 2005). Assim, a teoria da vinculação explica de que modo as relações estabelecidas precocemente, e que sejam constantes ao longo da sua infância, têm impacto na construção de expectativas sobre os outros, sobre o meio e sobre o próprio sujeito. A teoria do abandono aprendido defende que na sequência de acontecimentos imprevisíveis, se formam as crenças de que as “forças e pessoas externas determinam o destino” (Alarcão & Gaspar, 2007, p. 91).

A capacidade de perceber o mundo como previsível é concebida através de experiências e percepções durante a infância (Ross & Hill, 2002). A partir dessas experiências, a previsibilidade ou a imprevisibilidade constante do meio irá contribuir para a formação de esquemas que afetarão a forma como o sujeito interpretará os acontecimentos futuros. Os esquemas são definidos por Markus e Zajonc (1985, cit. in Ross & Hill, 2002) como estruturas cognitivas que organizam e armazenam a informação e as experiências adquiridas e ainda influenciam a nossa atenção, memória e interpretação das informações fornecidas pelo meio. Assim, um esquema de imprevisibilidade é definido como uma crença generalizada de que as pessoas não são confiáveis e de que o mundo é caótico. Esta crença tem, naturalmente, consequências para as emoções, cognições e experiências do sujeito (Chisholm, 1996; Ross & Hill, 2002). Com base nestes princípios, Ross e Hill (2002) propõem um modelo que postula que a imprevisibilidade durante a infância irá potenciar a formação de esquemas de imprevisibilidade que, por sua vez, podem influenciar o envolvimento em comportamentos de risco.

Este modelo pressupõe que pessoas com esquemas de imprevisibilidade têm maior tendência para assumir riscos do que as pessoas que encaram a vida como previsível. Abordando a tomada de decisão em situações de potencial risco para o sujeito, existem alguns passos inerentes que os esquemas de imprevisibilidade podem influenciar (Furby & Beyth-Marom, 1992, cit. in Ross & Hill, 2002). Os primeiros dois passos consistem em identificar as várias opções (algumas mais arriscadas que outras) e em avaliar as suas consequências (tanto os custos como os benefícios) tendo em conta as características do meio e as características pessoais do sujeito. Os terceiros e quartos passos consistem em ponderar a desejabilidade dos resultados e a probabilidade da ocorrência das

consequências das diversas opções. Colocando este processo de uma forma mais simples, uma pessoa com esquemas de imprevisibilidade identifica as várias opções da mesma forma que uma pessoa com esquemas previsíveis, porém, no passo seguinte, uma pessoa com esquemas de imprevisibilidade apresenta dificuldades na compreensão das relações causa efeito das suas ações e, portanto, não será fácil para ela ponderar sobre as potenciais consequências negativas do seu ato. A mesma pessoa apresentará iguais dificuldades nos passos seguintes. Alternativas mais seguras, normalmente, requerem adiar a recompensa e confiar que uma compensação virá a longo prazo, porém pessoas com esquemas de imprevisibilidade têm dificuldade em adiar a recompensa e preferem optar pelas opções com recompensas imediatas mesmo que essas sejam as de maior risco para si (Ross & Hill, 2002). O futuro assume assim uma importância secundária para estes sujeitos. Mais tarde, numa investigação conduzida por Hill, Jenkins e Farmer (2008), os resultados sugeriram que o efeito da imprevisibilidade familiar na propensão do sujeito assumir riscos seria parcialmente mediada pela capacidade do sujeito em adiar as recompensas imediatas.

Ross e Hill (2002) referem alguns constructos psicológicos relacionados com os esquemas de imprevisibilidade, tais como, auto-eficácia, locus de controlo, incerteza de causalidade, confiança interpessoal, sentido de coerência, desamparo e orientação futura. Os autores consideram que a qualidade destes fatores deriva, em parte, da imprevisibilidade vivenciada na infância e, assim, predizem e irão influenciar a propensão a realizar comportamentos de risco no sujeito (Ross & Hill, 2002). Estes autores numa investigação ocorrida em 1995 com jovens adultos afirmaram existir uma correlação negativa entre a imprevisibilidade e a auto-eficácia e ao invés, uma correlação positiva entre a imprevisibilidade e o locus de controlo externo (cit. in Ross & Hill, 2002).

De forma a suportar empiricamente o modelo apresentado, Ross e Hill recolheram uma panóplia considerável de artigos e livros relacionados com a temática, com o objetivo de refutar as hipóteses colocadas pelos autores. Assim, segundo a literatura, a imprevisibilidade na infância está relacionada com a crença na imprevisibilidade e tendência para assumir riscos.

Esquemas de imprevisibilidade e tendência para assumir riscos estão associados a vários tipos de comportamentos de risco, nomeadamente agressão, relações sexuais desprotegidas (Wells et al., 1998, cit. in Ross, 2006), não comparência nas aulas, ausência do cinto de segurança, condução perigosa, fumar, beber, uso de drogas e prática de hobbies e desportos arriscados (Amato & Keith, 1991, Amato, 2001).

Ross e Hill (2004) verificaram que sujeitos em tratamento por distúrbios alcoólicos descrevem as suas famílias como mais imprevisíveis do que a amostra de controlo da investigação em causa. Ross & Hill (2001) verificaram existir um efeito mediador das perceções retrospectivas de imprevisibilidade parental entre os pais terem consumido álcool e o consumo de álcool dos jovens adultos, ressalvando que esta tendência para consumir bebidas alcoólicas nos jovens adultos se devia maioritariamente à

imprevisibilidade familiar vivenciadas durante a sua infância.

Foram realizados outros estudos recorrendo a instrumentos retrospectivos, nos quais os adultos avaliam acontecimentos passados. Num dos estudos, os resultados evidenciam uma correlação positiva entre sintomas de distúrbios alimentares e depressão e a percepção retrospectiva de inconsistência no afeto e disciplina paternal durante a infância em estudantes universitários do sexo feminino (Ross & Hill, 2002; Scalf-McIver e Thompson, 1989, cit. in Correia, 2012). Estudos realizados a posteriori revelam que sintomas de distúrbios alimentares estão mais consistentemente associados com a imprevisibilidade disciplinar maternal e com a imprevisibilidade afetiva paternal (Furr & Ross, 2006, cit in. Ross, 2006).

Outros estudos realizados com a Retro-FUS em sujeitos universitários apresentam correlações positivas entre imprevisibilidade familiar e punição corporal, instabilidade residencial e o facto de não ter vivido com os dois pais em conjunto (Ross, 1999).

Estudantes em universidades militares, com valores elevados no Retro-FUS, relataram menor suporte familiar durante o seu crescimento (Ross, 2003).

Segundo as autoras Ross e Hill (2002), a imprevisibilidade familiar durante a infância apresentava resultados correlacionados com relutância em confiar no outro, devido à qualidade vinculativa com os cuidadores na infância (cit. in Williams, 2010).

A imprevisibilidade familiar é mais recorrente em ambientes familiares com menos rotinas (Jensen, James, Boyce & Harnett, 1983), menos envolvimento afetivo, maior confusão de papéis, menor capacidade de resolução de problemas, maior dificuldade comunicacional, respostas afetivas e disciplinares mais inconsistentes e maior desentendimento parental (Ross & Hill, 2002). A imprevisibilidade familiar foi também associada a algumas características negativas individuais dos filhos (problemas emocionais, de comportamento e de atenção, referidos pelos progenitores) e dos pais (percepção pelos próprios de níveis mais elevados de depressão e ansiedade) (Alarcão & Gaspar, 2007).

Numa investigação conduzida por Williams (2010), observou-se uma relação entre estilos parentais e a imprevisibilidade familiar. Com esta investigação, o autor verificou que estilos parentais autoritários¹ apresentam valores mais baixos de imprevisibilidade familiar na infância.

Hill, Young e Nord (1994) verificaram que a qualidade da vinculação aos pais era afetada por algumas características ocorridas durante a infância, nomeadamente a previsibilidade e o investimento parental relativamente aos seus filhos.

A imprevisibilidade familiar tem sido associada a um maior risco de comportamento anti-social e problemas de comportamento e de ajustamento social e escolar (Ross & Hill, 2000, 2002).

Numa investigação desenvolvida por Ross e McDuff (2008) em

¹ Estilo parental autoritário pautado por níveis elevados de afetividade, correspondência das expectativas e com regras disciplinares consistentes e bem definidas.

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

jovens adultos, foram encontrados valores mais elevados de imprevisibilidade familiar percebidos em retrospectiva em sujeitos com os pais divorciados do que nos sujeitos com os pais não divorciados. Curiosamente, as consequências de um divórcio são ainda mais negativas devido à imprevisibilidade familiar do que ao divórcio por si só (Ross & McDuff, 2008). Heatherington, Stanley-Hagan e Anderson (1989, cit. in. Ross, 2006) verificaram que após um divórcio, a disciplina era mais inconsistente do que antes do divórcio. Ross e McDuff (2006) compararam um grupo de estudantes com os pais divorciados com outro grupo de estudantes em que os seus pais viveram juntos durante a infância, revelando que os estudantes que tinham os pais separados, apresentaram maiores níveis de imprevisibilidade em todas as dimensões da Retro-FUS, bem como no *score* total do instrumento.

Quanto a questões de saúde mental do sujeito, a imprevisibilidade familiar ocorrida nos primeiros anos de vida do sujeito têm a capacidade de as influenciar. Em sujeitos universitários, verificou-se que sujeitos que apresentem valores mais elevados de imprevisibilidade familiar experienciada na sua infância, tinham, nessa altura da sua vida, um ou ambos os pais com depressão (Ross & Wynne, 2010). De acordo com esta investigação, todas as dimensões da imprevisibilidade familiar do instrumento utilizado na investigação (refeições, finanças, disciplina maternal e paternal e afeto maternal e paternal) estavam associadas significativamente com resultados indicativos de depressão e ansiedade nos estudantes universitários (Ross & Wynne, 2010).

A pobreza é também apontada como uma circunstância que se correlaciona amplamente com a imprevisibilidade familiar (Ross, 2006).

Algumas limitações neste modelo são apontadas pelos próprios autores. Apesar de não incluir no modelo variáveis como o temperamento e a personalidade, elas não são excluídas. O modelo não reivindica que os esquemas de imprevisibilidade se desenvolvem independentemente da personalidade (Ross & Hill, 2002). Outra limitação apontada é o facto de ignorar outras influências que supostamente têm bastante relevo na adoção de comportamentos de risco, tais como os pares, os meios de comunicação, a comunidade e o meio ecológico (Arnett, 1992; Jessor, 1992 cit. in Ross & Hill, 2002). Como última limitação, os autores consideram o modelo linear no sentido de apenas abordar a influência dos pais nos filhos, porém, a influência dos filhos nos pais não é tida em conta (Ross & Hill, 2002).

1.2. Perspetiva Temporal de Futuro

A perspetiva temporal foi devidamente conceptualizada e analisada por vários autores. O primeiro autor a referir o termo perspetiva temporal foi L. K. Frank (1939), que expôs a necessidade de exploração futura deste constructo e salientou a sua importância. No seguimento de tais abordagens, Lewin (1935, 1948, cit. in Fortunato & Furey, 2010) insistiu na evidência de que a temporalidade tem um papel fulcral na organização de experiências, da organização do conhecimento e no carácter motivacional do sujeito. Assim,

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

Lewin afirma: “*The psychological future is part of what L. K. Frank has called ‘time perspective’. The life-space of an individual, far from being limited to what he considers the present situation, includes the future, the present, and also the past. Actions, emotions, and certainly the morale of an individual at any instant depend upon his total time perspective*” (Lewin 1948, p. 104 & Paixão, M. 1996). Savickas definiu a perspectiva temporal como a capacidade que o indivíduo tem em se deslocar até ao seu passado através da sua memória e de imaginar o seu futuro, estando no presente (1991 cit. in Walker & Tracey, 2012). Husman e Lens (1999), postularam que a orientação temporal se refere à direção dos pensamentos e ações do sujeito no tempo, podendo estes serem orientados pelos três espaços temporais: passado, presente e futuro (cit. in Carvalho, 2007). Algumas pessoas são orientadas temporalmente para o passado, vivem “agarradas” às vivências traumáticas do passado ou ao seu passado valorizado. Outras são orientadas para as vivências do presente. Há também quem seja exclusivamente orientado para o futuro, sendo sujeitos caracterizados como alguém que abdica de aproveitar o presente, visto que os seus comportamentos estão orientados para objetivos futuros (Lens & Moreas, 1991). Psicologicamente, a capacidade de coordenação entre os vários espaços temporais oferece maior adaptabilidade, permitindo um passado envolvido no presente e direcionado para o futuro. A isto Nuttin e Lens (1985) apelidaram de competência temporal.

Quanto à importância da perspectiva temporal numa perspectiva desenvolvimentista, Levy-Valensi (1965) considera a temporalidade como um dos principais “organizadores da vivência psíquica” (cit. in Santos, E., 1985). Zimbardo (1992) aborda a orientação psicológica do tempo, considerando-a como a variável que mais influencia as capacidades humanas como os pensamentos, os sentimentos e as ações. Tal como na teoria da relatividade de Einstein, o mesmo intervalo de tempo cronológico é percebido de forma diferente se imaginarmos dois cenários distintos: estamos à espera da entrada para o bloco operatório e estarmos a conversar com a pessoa que mais gostamos (Avci, 2013). Assim, a perspectiva temporal é considerada subjetiva (Zimbardo & Boyd, 1999; Gjesme, 1996).

A perspectiva temporal de futuro, em particular, consiste na capacidade que cada sujeito tem em perceber e imaginar o tempo futuro (Husman & Shell, 2008). A perspectiva temporal de futuro consiste num fenómeno psicológico individual e não no tempo físico e cronológico que todos nós partilhamos enquanto seres sociais (Husman & Shell, 2008). A capacidade de perspetivar temporalmente o futuro possibilita ao sujeito regular os seus comportamentos, estabelecer objetivos e expectativas, motiva o desempenho numa determinada atividade e avalia de que forma esse desempenho influenciou a obtenção ou não de determinado objetivo (Husman & Shell, 2008).

A perspectiva temporal de futuro segundo Nuttin e Lens (1985, cit. in Paixão, 2004), é a percepção mental que um indivíduo possui num certo momento no tempo de acontecimentos que ocorrem numa sucessão temporal e com intervalos temporais entre eles.

Santos e Paixão (1986), conceitualizam a perspectiva temporal de futuro como “o conjunto de objetos motivacionais, que o sujeito representa cognitivamente em vários planos localizados no tempo futuro” (Santos e Paixão, 1986, p. 6).

Segundo Nuttin (1984), necessidades e motivos são o catalisador da perspectiva temporal de futuro. As necessidades e motivos na vida de um sujeito, apesar de vagos e definidos como estados de tensão per se, constituem o primeiro impacto no comportamento do sujeito. Através das necessidades e motivos cognitivos serão gerados objetivos específicos, recorrendo a um processo de interação com as atividades cognitivas superiores, que mais tarde serão gerados em planos e projetos que irão influenciar o desenrolar dos comportamentos realizados no presente (Nuttin, 1979, citado por Paixão, 1987). Nuttin, através dos seus esclarecimentos, caracterizou a perspectiva temporal de futuro como um conceito multidimensional, albergando formas motivacionais e cognitivistas que, através de um processo dinâmico, regulam o comportamento humano e o seu desenvolvimento (Paixão, 1987). Thomae (1981) considera também a perspectiva temporal de futuro o resultado de uma interação entre estruturas motivacionais e cognitivas (cit. in Paixão, 1987). Para coexistir na mente humana, a perspectiva temporal de futuro depende do processo de desenvolvimento cognitivo do organismo (Wallace & Rabin, 1960; Fraisse, 1967, 1981; Mischel, 1981; Van der Keilen, 1982; Gjesme, 1983; Trommsdorff, 1983; Toda, 1983; Nuttin, 1985, 1985, cit. in Paixão, M., 1987). Segundo estes autores, a perspectiva temporal de futuro evolui a par de algumas competências que são expectáveis de obtenção por parte do sujeito, nomeadamente um sistema cognitivo de carácter simbólico, o controlo de impulsos imediatos característicos das crianças e o pensamento lógico-formal (Gjesme, 1983). Peetsma (2000) inclui também uma componente afectiva na conceptualização da perspectiva temporal de futuro.

A perspectiva temporal de futuro reparte-se equitativamente em valor por algumas dimensões. Porém, considerando o instrumento de avaliação utilizado nesta investigação, a *Future Time Perspective Scale* de Husman & Shell (2008), neste trabalho apenas serão referidas as dimensões que estão englobadas neste instrumento de avaliação. Assim, as dimensões focadas são valência, extensão, rapidez e conectividade. Estes são os constructos que os investigadores consideram crenças relativamente estáveis na capacidade de perspectivar o tempo futuro por parte dos sujeitos. Apesar de estáveis, as evidências apontam para que estes aspetos possam ser flexíveis e influenciados pelo contexto social e cultural (Jones, 1994; Seginer & Halabi, 1991; Bond & Smith, 1996, cit in Husman & Shell, 2008).

Valência² foi operacionalizado por De Volder e Lens (1982) como a importância que o indivíduo atribui aos objetivos atingíveis no futuro. Teoricamente, os objetivos que estão mais distantes em tempo mensurável serão entendidos pelos sujeitos como menos importantes do que os objetivos mais próximos. Porém, sujeitos com uma forte perspectiva temporal de futuro

² O termo Valência foi encontrado noutras referências bibliográficas como a tradução mais adequada para *Value* (Janeiro, 2012).

A imprevisibilidade familiar e a perspectiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

terão uma maior capacidade para atribuir importância superior a objetivos que se encontrem distantes no tempo (Husman & Shell, 1999; Raynor & Entin 1983, cit in. Husman & Shell, 2008). Valorizar objetivos a longo prazo é um dos indicadores de uma forte perspectiva temporal de futuro. De acordo com algumas investigações, valência elevada está associada positivamente com comportamento adaptativos e motivação no seu meio escolar após o ensino secundário (Shell & Husman, 2001). Este domínio está também relacionado com a saúde dos sujeitos. Por exemplo, níveis elevados de valência estão relacionados com comportamentos que reduzem a exposição ao vírus do VIH (Rothspan & Read, 1996), correlacionados positivamente com a capacidade de deixar de fumar (Audrain-McGovern et. al., 2004, cit. in Husman & Shell, 2008), e o uso de protector solar. A perspectiva temporal de futuro tem também impacto na auto-regulação do nosso bem estar físico e na nossa saúde (Löckenhoff & Carstensen, 2004, cit. in Gellert, Ziegelmann, Lippke & Schwarzer, 2011). De facto, uma perspectiva temporal de futuro extensa pode funcionar como uma fonte de motivação no sentido de adopção de comportamentos saudáveis. Como já referido anteriormente, uma forte perspectiva temporal de futuro permite elaborar estratégias auto-regulatórias, tais como planear (implementar intenções). É precisamente esta característica de delinear um plano que autores referem metaforicamente como sendo a ponte entre a intenção e o comportamento (Reuter, Ziegelmann & Wiedemann, 2010).

A conetividade, ou instrumentalidade, consiste na capacidade cognitiva que o sujeito tem em estabelecer conexões entre os comportamentos realizados no presente e os objetivos futuros e distantes (Husman & Shell, 2008). Segundo dados estatísticos de investigações anteriores, haverá uma maior tendência para que sujeitos com uma perspectiva temporal de futuro elevada tenham uma maior capacidade para estabelecer conexões entre as actividades realizadas no presente e os objetivos no futuro (Brown & Jones, 2004; Simon et al., 2004; Shell & Husman, 2001 cit. in Husman & Shell, 2008; Simons, Vansteenkiste, Lens & Lacante, 2004 cit. in Walker & Tracey, 2012). Este constructo, segundo investigações realizadas, prediz o sucesso dos estudantes no ensino pós secundário (Malka & Convinfton, 2005; Shell & Husman, 2001). A instrumentalidade percebida pelo sujeito consiste na compreensão que o sujeito tem sobre o valor instrumental dos seus comportamentos no presente e na influência que estes têm na obtenção de objetivos futuros (Walker & Tracey, 2012). Sujeitos com uma perspectiva temporal de futuro forte encaram as suas atividades presentes como úteis para realmente atingir objetivos e projetos que estão idealizados a longo prazo (McInerney, 2004).

Num estudo recente, Walker e Tracey (2012) verificaram a existência de uma associação positiva entre instrumentalidade e a auto-eficácia de tomar uma decisão em relação à carreira do sujeito. Sujeitos com conetividade elevada apresentavam também maior confiança quanto às escolhas tomadas em relação à sua carreira.

Outro domínio inserido neste instrumento é a extensão. A extensão pode ser definida como até onde um indivíduo consegue projetar os seus

pensamentos (Daltrey & Langer, 1984, cit. in Husman & Shell, 2007). Para isso é importante considerar o termo de horizonte temporal que abrange precisamente a perspectiva cognitiva do tempo de cada sujeito. Por exemplo, um sujeito com uma extensão elevada consegue projectar o seu pensamento para um horizonte temporal mais longínquo do que um sujeito com uma extensão reduzida. Quanto maior a extensão da perspectiva temporal de futuro de um sujeito, maior será a percepção de objetivos a longo prazo como próximos e importantes (Tucker, Vuchinich, & Rippens, 2002, cit. in Husman & Shell, 2007). A extensão da perspectiva temporal de um sujeito (neste caso, estudante universitário) pode ser influenciada por diversos fatores, tais como, a complexidade da sociedade em que o sujeito vive e o tipo de valores que estão associados a essa mesma sociedade, como por exemplo o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da sociedade ou assegurar a sua hierarquia social desejada, influências parentais, tecnologia e espiritualidade (McInerney, 2004).

Por último, mas não de menor importância, surge a rapidez. Este domínio representa a percepção que os sujeitos têm sobre a velocidade a que o tempo passa (Husman & Shell, 2007).

Outro conceito importante incluído na perspectiva temporal de futuro é o processo de adiamento da recompensa, amplamente relacionado com a valência, o primeiro constructo aqui mencionado. O adiamento da recompensa é definido como a capacidade que o sujeito tem em avaliar as recompensas ou as punições que estão disponíveis no presente ou no futuro (Hill, Jenkins & Farmer, 2008). Um sujeito com uma forte perspectiva temporal de futuro prefere adiar recompensas imediatas em detrimento de recompensas superiores que surgirão no futuro, a longo prazo. Numa investigação na área da neuropsicologia, foi possível verificar quais as áreas cerebrais que eram ativadas quando o sujeito se encontra numa situação de decisão entre arrecadar as recompensas imediatas (no caso eram recompensas monetárias) ou, pelo contrário, preferir as recompensas que o sujeito considera que terá no futuro. No seguimento desta investigação foi possível verificar a ativação de duas áreas: áreas límbicas e paralímbicas que medeiam a impulsividade e a procura de recompensas; e as áreas laterais pré-frontais e corticais que estão associadas ao raciocínio abstrato e, presumivelmente, alicerçam a orientação no futuro (McClure, Laibson, Loewenstein & Cohen, 2004). Um dos grandes motivos possíveis para um sujeito preferir as recompensas imediatas pode ser derivado das características do meio vivenciadas nos primeiros anos de vida que tenham promovido a crença de que o futuro é incerto, rejeitando assim as recompensas futuras e considerando que estas são pouco confiáveis de que venham a acontecer (Chisholm, 1996; Hill et al., 1997, 2008).

Em estudos anteriores, a capacidade de adiamento de recompensas está negativamente correlacionada com uso de drogas, álcool e tabaco (Vuchinich & Simpson, 1998; Kirby et al., 1999, cit in Hill et al., 2008).

Outro fator que pode criar instabilidade e imprevisibilidade no seio familiar e que pode afetar a capacidade de adiamento da recompensa é a perda de um dos progenitores (Hill et al., 2008).

A investigação sobre a perspetiva temporal de futuro relativamente ao nicho social dos estudantes universitários merece maior atenção apesar de nos últimos anos o enfoque ter sido aumentado (Suddendorf & Busby, 2005, cit. in Husman & Shell, 2007). Porém, até agora, algumas investigações conseguiram associar a capacidade de perspetivar o tempo futuro em estudantes universitários com outras variáveis. Nomeadamente, evidências sugerem que os pensamentos que os estudantes universitários têm relativamente ao seu futuro têm também um impacto no seu sucesso escolar (Malka & Covington, 2005; Shell & Husman, 2001; Simons, et al., 2004) e na persistência de estudo (Shell & Husman, 2001).

A perspetiva temporal de futuro foi bastante associada à capacidade de planificação de objetivos futuros e ao nível de preparação de um estudante nas escolhas para a sua carreira (Savickas, Silling & Schwartz, 1984, cit. in Walker & Tracey, 2012). Um estudante que não consiga conceber planos a longo prazo, estando inebriado em tarefas e obstáculos do presente, terá naturalmente sentimentos e pensamentos de indecisão na fase de tomar uma resolução quanto ao futuro da sua carreira (Crites, 1978; Savickas et al., 1984, cit. in Walker & Tracey, 2012).

Resultados sugerem que quanto maior for a perspetiva temporal de futuro mais comportamentos de auto-regulação direcionados para a aprendizagem e para o estudo existirão (Bembenutty & Karabenick, 2004).

Ferrari, Nota & Soresi (2010) verificaram que a diferença de níveis de perspetiva temporal de futuro entre géneros se torna cada vez mais escassa (talvez devido ao crescimento de oportunidades para as mulheres, hoje em dia), apesar de ainda haver diferenças, nomeadamente ao nível da instrumentalidade em que as mulheres apresentam níveis superiores comparativamente aos homens.

II – Objetivos

No presente estudo pretendemos traduzir e validar a escala Retro-FUS para a população portuguesa e ainda estudar as relações entre imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários. Desta forma, este trabalho tem como objetivos: 1) traduzir e adaptar a escala R-FUS para a população portuguesa; 2) verificar se o género tem alguma influência na relação da imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro; 3) analisar como é que os diferentes fatores da imprevisibilidade familiar se relacionam com os diferentes fatores da perspetiva temporal de futuro; 4) apresentar algumas discussões que promovam uma intervenção eficaz para ambos os constructos em causa nesta investigação. Tendo em conta os objetivos propostos, as hipóteses para este trabalho exploratório são:

H1: É esperado que o Retro-FUS apresente uma boa consistência interna e boas qualidades psicométricas;

H2: Prevê-se que o Retro-FUS apresente uma estrutura fatorial semelhante à versão original;

H4: Prevê-se que as diferentes dimensões do instrumento Retro-FUS apresentem correlações significativas entre si, mostrando assim que avaliam o mesmo constructo;

H5: Prevê-se que exista uma correlação negativa entre a imprevisibilidade familiar total e a perspectiva temporal de futuro total;

H6: Não se preveem diferenças estatisticamente significativas entre géneros, relativamente à variável da perspectiva temporal de futuro (Ferrari, Nota & Soresi, 2010);

III - Metodologia

3.1. Amostra

A amostra foi recolhida junto de estudantes da Universidade de Coimbra que frequentam unidades curriculares incluídas no plano de estudos do primeiro e segundo ano. Dos 282 estudantes participantes na investigação, 21 foram excluídos da amostra por terem o preenchimento dos questionários inválido, permanecendo como elegíveis 261 sujeitos. Tendo em conta que estamos a adaptar o instrumento Retro-FUS para a população portuguesa, o número desejável de sujeitos para esta amostra seria de 10 sujeitos por cada item da escala, tal como propõe Nunnally (1978).

Considerando que a Retro-FUS tem 28 itens, o número ideal de sujeitos para a validação deste instrumento seria de 280. Apesar de não ter sido atingido tal quantidade, o número de participantes é aceitável e próximo do número previamente estimado.

Dos 261 participantes nesta investigação 39 frequentam o curso de Ciências da Educação (14,94%), 62 estudam Engenharia Mecânica (23,75%), 115 estudam Engenharia Informática (44,06%), 13 estudam Psicologia (4,98%) e 32 estudam Engenharia do Ambiente (12,26%).

A idade dos sujeitos que constituem a amostra compreende-se entre os 18 e os 48 anos. Três dos sujeitos não mencionaram a sua idade.

Quanto ao género, 54,8% são do sexo masculino enquanto que 44,1% são do sexo feminino.

Em anexo (cf. Anexo 1) estão apresentadas as características descritivas da amostra.

3.2. Procedimento

Em primeiro lugar, foi solicitada autorização aos autores do Retro-FUS, via correio eletrónico, para a realização da tradução e respetiva adaptação da escala, pedido que mereceu resposta positiva.

Para a recolha da amostra, foram contactados por e-mail, diversos professores que lecionam unidades curriculares na Universidade de Coimbra nos seguintes cursos: Ciências da Educação, Engenharia Mecânica, Engenharia Informática, Psicologia e Engenharia do Ambiente.

O procedimento de recolha da amostra foi realizado sempre em ambiente de sala de aula, com os inquiridos a preencher o inquérito em simultâneo, num ambiente sereno, sem aparente motivo de distração ou desconcentração para os participantes. O preenchimento dos instrumentos

foi efetuado na presença do investigador, no final ou no início da aula (conforme a preferência do professor), com o intuito de solicitar aos estudantes presentes a participação voluntária na investigação, com garantia de anonimato e de confidencialidade dos dados. O preenchimento dos dois instrumentos demorou entre 5 a 10 minutos.

A aplicação dos questionários foi realizada entre dezembro de 2013 e junho de 2014.

3.3. Instrumentos

A recolha dos dados para a presente investigação foi realizada através do preenchimento de um questionário que incluía dois instrumentos de avaliação, sob forma de autorrelato. Apenas num dos instrumentos, no FTFS, era requerida a idade e o sexo dos sujeitos. A informação relativa ao ciclo de estudos de cada sujeito foi devidamente registada pelo investigador.

3.3.1. Retro-Family Unpredictability Scale

A *Retro-Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) (Ross & McDuff, 2008), traduzida para Escala Retrospectiva de Imprevisibilidade Familiar (mantendo-se a sigla da original), ainda não havia sido adaptada para a população portuguesa, sendo esse o objetivo principal deste projeto.

A tradução foi devidamente elaborada com a revisão de cada item através do processo traduz-retraduz, elaborado por dois investigadores com fluência na língua inglesa, de forma a conseguir encontrar conformidade nas traduções efectuadas. A Retro-FUS é um questionário que deriva da escala FUS [*Family Unpredictability Scale* (Ross & Hill, 2000)]. Quanto à FUS, foram já conduzidos vários estudos que utilizaram este instrumento na população portuguesa, no entanto, pelo que temos conhecimento, a Retro-FUS ainda não tinha sido utilizada.

Esta escala é um instrumento de auto preenchimento³ que tem como objetivo avaliar a imprevisibilidade familiar percebida pelo sujeito durante a sua infância em seis subescalas⁴: refeições (e.g. “Era difícil prever a que horas seriam as refeições.”) que se reporta aos rituais das refeições familiares; finanças (e.g. “Nalguns meses tínhamos muito dinheiro para

³ As instruções para o preenchimento da R-FUS são as seguintes: “Vais encontrar frases que descrevem comportamentos familiares, e modos como as famílias lidam com problemas. Quando responderes a essas frases pensa (tem em conta) a família na qual crescestes, até aos 18 anos, e como era habitual fazer-se. Lê cada frase e responde de acordo com o que achas: em que grau /medida descreve (se aplica) à tua família? Desde: (1) “não se aplica nada”; a (2) “aplica-se um pouco”; (3) “aplica-se moderadamente”; (4) “aplica-se muito”; (5) “aplica-se imenso”; (6) “não se aplica”.

⁴A tradução dos termos correspondentes às dimensões foi baseada no trabalho de Alarcão & Gaspar (2007).

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

gastar, noutros meses estávamos pobres.”) que se refere à consistência financeira da família; afeto maternal (e.g. “A minha Mãe fazia-me sentir (regularmente) que eu era importante para ela.”) que consiste no cuidado e afeto por parte da mãe relativamente ao filho(a); afeto paternal (e.g. “Se houvesse algo que me preocupasse, eu falava ao meu Pai sobre isso”) que consiste no cuidado e afeto do pai para com o(a) filho(a); disciplina maternal (e.g. “Por vezes a minha Mãe gritava comigo sem pensar no que estava a dizer.”) que aborda a consistência das regras disciplinares por parte da mãe; e a disciplina paternal (“O modo como o meu Pai se comportava numa situação, ou noutra, era imprevisível”) que se reporta à consistência das regras disciplinares por parte do pai. A escala original é constituída por 28 itens (coeficiente de Cronbach $\alpha = .90$), distribuídos pelas subescalas anteriormente discriminadas (refeições: 5 itens, $\alpha = .83$; finanças: 3 itens, $\alpha = .84$; afeto maternal: 6 itens, $\alpha = .80$; afeto paternal: 6 itens, $\alpha = .83$; disciplina maternal: 4 itens, $\alpha = .85$; disciplina paternal: 4 itens, $\alpha = .84$). As respostas aos itens são feitas de acordo com uma escala de tipo Likert com seis pontos, sendo que a cotação varia entre “não se aplica nada” (1 ponto); “aplica-se um pouco” (2 pontos); “aplica-se moderadamente” (3 pontos); “aplica-se muito” (4 pontos); “aplica-se imenso” (5 pontos) e “não é aplicável”, que não conta para a cotação.

Quanto maior a pontuação, maior a imprevisibilidade familiar. Existem alguns itens que são cotados inversamente. Calcula-se primeiramente o resultado de cada subescala, somando os resultados escolhidos pelos participantes e divide-se pelo número de itens que constituem cada subescala. O valor da imprevisibilidade, no seu total, oscila entre 1 e 140 pontos.

3.3.2. Future Time Perspective Scale

A *Future Time Perspective Scale* (FTPS) (Husman & Shell, 2007) é uma escala composta por 27 itens que englobam quatro áreas que permitem avaliar quantitativamente a perspetiva do sujeito em relação ao tempo futuro: 7 itens de valência (por exemplo: “Tendo hipótese de escolha, é preferível conseguirmos algo que desejamos no futuro, do que ter algo que queremos agora”); 5 itens de extensão (“Janeiro parece-me muito próximo”); 12 itens de conectividade (“Não penso muito sobre o futuro”); e 3 itens de rapidez (“Para mim, é difícil conseguir coisas sem ter um prazo final”). Em relação ao domínio da extensão, é pretendido que os meses descritos nos itens 4 e 24 tenham uma distância temporal de 6 meses contando a partir do mês em que o inquirido responde, condição que foi garantida na aplicação dos inquiridos. As respostas possíveis estão dispostas em cinco hipóteses de uma escala de Likert que variam entre o “discordo totalmente” (1) até ao “concordo totalmente” (5). Existem alguns itens que são cotados inversamente. Quanto maiores os valores apresentados, maior será a perspetiva temporal de futuro do sujeito. A consistência interna total da escala é boa com um α de Cronbach de .70. Para a valência, $\alpha = .72$; conexão $\alpha = .82$, rapidez $\alpha = .72$ e para a extensão $\alpha = .74$ (Husman & Shell, 2007).

3.4. Tratamento de dados

Em seguida expõem-se os resultados obtidos com vista a responder aos objetivos da investigação propostos. A análise de dados foi efetuada utilizando o programa estatístico computadorizado *IBM Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20.0.

A descrição dos dados de caracterização da amostra foi conseguida através do cálculo das estatísticas descritivas, nomeadamente as frequências e percentagens das variáveis idade e sexo.

Em primeiro lugar, foi analisada cada bateria de testes aplicados e preenchidos pelos estudantes de forma a verificar se estavam devidamente preenchidos. Do número total de 282 inquéritos obtidos nesta investigação, 21 deles estavam indevidamente preenchidos e não disponíveis para entrar na análise de dados. Dessa forma, esses questionários foram retirados da população e não estão contemplados na análise deste trabalho.

Assim, o número de participantes fixou-se nos 261 (n=261). Segundo os critérios de Tabachnick e Fidell (2007), 300 seria o número ideal de sujeitos, porém, a amostra deste estudo é um pouco inferior. A proposta de Nunnally (1978) de que o número ideal seria de 10 sujeitos por cada item da escala fica por cumprir. Pallant (2005) refere que 150 sujeitos seriam suficientes. A diferença entre o número total dos sujeitos constituintes da amostra e o número de sujeitos ideal existe, porém, é curta e, por isso, não comprometedora do estudo.

De seguida, as análises estatísticas foram divididas por cinco estudos, de forma a validar o instrumento Retro-FUS para a população portuguesa: 1) Estudo da dimensionalidade da Retro-FUS; 2) Estudo da fiabilidade da Retro-FUS; 3) Estudo das correlações da Retro-FUS; 4) Estudo das correlações entre a Retro-FUS e a FTPS; 5) Estudos complementares.

O estudo da dimensionalidade do instrumento foi feito através de análises de componentes principais (ACP) utilizando a rotação *varimax*⁵. Uma ACP permite-nos verificar as correlações existentes entre os itens de forma a estabelecer uma fórmula estável do instrumento em causa. A necessidade de recorrermos a esta análise deriva do facto de ainda não ter sido realizado qualquer estudo em Portugal que usasse a Retro-FUS. O teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett (Pestana & Gageiro, 2005) teriam de ser realizados, já que estes são pressupostos exigidos para a realização de uma ACP de forma a analisar a adequação da amostra.

Quanto ao teste KMO⁶, quanto mais próximos os resultados forem de 1, maior será a correlação entre as variáveis (Field, 2009). No que diz

⁵ A rotação *varimax* foi utilizada dado que esta distingue e simplifica os fatores (Tabachnick & Fidell, 2007), considerando-os independentes (Field, 2009).

⁶ Este teste analisa a qualidade das correlações entre as variáveis com o objetivo de analisar a adequação da amostra para a realização da análises fatoriais. Segundo Kaiser valores inferiores a .5 são inaceitáveis, entre .5 e .6 são maus, de .6 a .7 são razoáveis, entre .7 e .8 são médios, de .8 a .9 são bons e acima de .9 são tidos como muito bons (cit. in Pestana & Gageiro, 2005).

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

respeito ao teste de esfericidade de Bartlett⁷, os resultados devem ser significativos ($p < .05$).

Cumpridos os pressupostos, efetuámos uma rotação ortogonal *varimax*. Este tipo de rotação minimiza o número de variáveis com elevados *loadings*⁸ num fator. Neste trabalho, foi definido que os *loadings* significativos seriam aqueles com valor superior a .45, como geralmente é determinado e usado em casos de utilização desta operação, por serem responsáveis por 25% da variância (Pestana & Gageiro, 2005).

O passo seguinte nesta análise consiste em determinar que fatores e itens devemos extrair de forma a obter uma estrutura estável. Considerámos os critérios apresentados pelos manuais de estatística (Comrey & Lee (1992), Hill, 2000 & Reis, 1997, cit in. Pestana & Gageiro, 2005, Tabachnick & Fidell, 2007): inclusão de itens com *loadings* superiores a 0.32⁹; inclusão de itens com valores de comunalidade superiores a 0.30 (Tabachnick & Fidell, 2007), exclusão dos itens com saturações em duas ou mais dimensões com diferenças inferiores a .1. Apesar de considerarmos sempre em primeiro lugar os critérios estatísticos, optámos por nos manter o mais fiéis possível à escala original. No capítulo seguinte, as nossas escolhas e os resultados serão explicados detalhadamente.

Relativamente a este passo, a determinação de quais e quantos fatores formariam a estrutura mais adequada e estável para a Retro-FUS sofreu alterações até culminar na forma final que será apresentada no capítulo seguinte. Para chegarmos ao produto, que consideramos o mais ideal, foi utilizado o programa Monte Carlo que nos ajudou a indicar quantos seriam os fatores, tendo em conta critérios como o número de sujeitos e os *eigenvalues*.

Já com as dimensões definidas e alguns itens excluídos, passamos para o segundo estudo a que nos propusemos, que consiste em apurar a fiabilidade (consistência interna)¹⁰ do instrumento utilizado e dos seus fatores inseridos. Assim, a análise da consistência interna foi examinada através do *alpha* de Cronbach (1951)¹¹ por forma a observar a homogeneidade dos itens da escala (DeVellis, 2003). A homogeneidade foi analisada através da análise dos coeficientes de correlação entre cada item e o total de itens do fator correspondente. A consistência interna de cada fator e da escala total foi analisada tendo em conta os *alphas* de Cronbach se item

⁷ Este teste analisa (à semelhança do Teste KMO) a adequação da amostra através da realização de correlações entre as variáveis e a qualidade dessas mesmas correlações.

⁸ O termo *loading* diz respeito à saturação do item com a sua dimensão. Em termos estatísticos refere-se “ao coeficiente de regressão de uma variável para o modelo linear que descreve uma variável latente ou fator na análise fatorial” (Field, 2009, p. 786)

⁹ Comrey e Lee (1992) categorizam *loadings* superiores a .71 como excelentes, entre .63 e .71 como muito bons, entre .55 e .63 são bons, entre .45 e .55 como razoáveis e inferiores a .32 como pobres.

¹⁰ DeVellis (2003) define consistência interna como o grau de inter-relação entre os itens que compõem a escala.

¹¹ É a proporção da variância total de uma escala que é atribuída a uma fonte comum (DeVellis, 2003).

excluído¹². O índice mais importante de fiabilidade de um teste é o coeficiente de Cronbach (Kline, 1993).

De seguida, a covariância foi analisada através das correlações entre os fatores, recorrendo aos coeficientes de correlação de Pearson¹³. Para realizar esta operação, o pressuposto da normalidade deve ser cumprido. Para averiguar se a distribuição dos resultados é normal foram utilizados os testes de Kolgomorov-Smirnof e Shapiro-Wilk (Field, 2009).

Relativamente à quarta operação estatística a que nos propusemos, foi analisada a relação entre as duas variáveis constituintes deste projeto. Através dos coeficientes de correlação de Pearson, foi investigada a existência, magnitude e sentido das correlações entre a imprevisibilidade familiar e a perspetiva familiar de futuro. Os pressupostos da normalidade foram também confirmados.

Por fim, realizámos alguns estudos complementares que nos permitiram investigar se existem diferenças estatisticamente significativas entre géneros relativamente às duas variáveis presentes neste estudo: a imprevisibilidade familiar retrospectiva e a perspetiva temporal de futuro. Para este estudo, os pressupostos da normalidade e da homogeneidade das variâncias também foram cumpridos através do teste de Levene¹⁴.

IV - Resultados

4.1. Estudo da dimensionalidade do Retro-FUS

Para a validação de uma escala é fulcral uma avaliação exploratória dos fatores (concretamente a ACP) e também das dimensões que estão inseridas nesse instrumento. A ACP foi a análise adequada para o efeito através de uma rotação ortogonal *varimax*.

Num primeiro momento, de forma a determinar os fatores estáveis para a Retro-FUS, optámos por realizar uma rotação *varimax* sem restrição a um número de fatores, considerando apenas os resultados com *eigenvalues* superiores a 1. Assim, o resultado obtido foi uma distribuição dos itens em 7 fatores, distribuição essa incongruente com os fatores obtidos pelos autores da escala original. Após nos depararmos com tais resultados, tentámos encontrar uma solução mais adequada e parecida com a distribuição da escala original.

Desta forma, encontrámos como solução a utilização do programa Monte Carlo que nos permitiu encontrar a estrutura mais adequada até então. Seguindo a sugestão dos resultados do programa, uma nova ACP teria de ser realizada com o número fixo de cinco dimensões.

¹² Referindo-se à expressão *Cronbach's alpha if item deleted*, que nos indica o valor de *alpha* se eliminarmos o item em questão; se a escala for fiável, espera-se que os itens não provoquem grandes mudanças; se não, é útil considerar-se eliminar o item (Field, 2009).

¹³ A análise das correlações permite descrever a força e a direção de uma relação entre duas variáveis (Field, 2009; Pallant, 2005).

¹⁴ Analisa se a variância é igual em diferentes grupos (Field, 2009).
A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

Com essa estrutura estabelecida de cinco fatores, foram realizados os pressupostos requeridos para esta análise.

Os resultados obtidos no método de KMO (.78) e no teste de Bartlett ($X^2_{(276)} = 3211,82$, $p < .001$) indicam-nos que os valores são dignos de uma boa adequação da amostra, cumprindo assim os pressupostos da ACP. Como já referido, realizámos a ACP com extração forçada a cinco fatores, e assim, obtivemos os resultados descritos na tabela 1.

Os cinco fatores que apresentam valores do *eigenvalue* acima de 1 explicam 60, 56% da variância total.

O primeiro fator, que designámos de disciplina familiar¹⁵ apresenta pesos fatoriais elevados em oito itens (10, 11, 15, 16, 20, 21, 25 e 26) que explicam 27.70% da variância total.

Tabela 1. Resumo dos valores das saturações fatoriais, *eigenvalues*, com unalidades e variância explicada por cada fator obtidos através da rotação ortogonal *varimax* de uma solução com cinco fatores correspondente ao instrumento Retro-FUS

Itens	Fator					h ²
	1	2	3	4	5	
O modo como a minha mãe se comportaria numa situação dependia do seu humor	.68					.57
O modo como o meu pai se comportaria numa situação dependia do seu humor	.68					.63
Por vezes a minha mãe gritava comigo sem pensar no que estava a dizer	.70					.62
Por vezes o meu pai gritava comigo sem pensar no que estava a dizer	.75					.61
Se a minha mãe me ralhava (ou não) isso dependia do seu estado de humor na altura	.78					.71
Se o meu pai me ralhava (ou não) isso dependia do seu estado de humor na altura	.83					.72
O modo como a minha mãe se comportava numa situação ou noutra, era imprevisível	.71					.64
O modo como o meu pai se comportava numa situação ou noutra, era imprevisível	.73					.65
O meu pai passava algum tempo por dia com cada um dos		.68				.51

¹⁵ No instrumento original a disciplina estava dividida pela disciplina parental e a disciplina maternal; segundo os resultados obtidos após a ACP do presente estudo, os itens correspondentes a estes dois fatores aglutinaram-se num só fator, não havendo distinção entre disciplina do pai e disciplina da mãe, passando assim a constituir esta dimensão da escala.

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

filhos		
Quando me aleijava, eu ia ter com o meu pai para os primeiros socorros	.75	.58
Eu podia contar com o meu pai para me levar onde eu precisasse	.65	.53
Quando me sentia magoado (sentimentos) ia ter com o meu pai para me confortar	.64	.69
O meu pai fazia-me sentir (regularmente) que eu era importante para ele	.61	.57
Se houvesse algo que me preocupasse, eu falava ao meu pai sobre isso	.67	.68
Quando me aleijava, eu ia ter com a minha mãe para os primeiros socorros	.54	.40
Eu podia contar com a minha mãe para me levar onde eu precisasse	.48	.36
Quando me sentia magoado (sentimentos) ia ter com a minha mãe para me confortar	.77	.74
A minha mãe fazia-me sentir (regularmente) que eu era importante para ele	.66	.58
Se houvesse algo que me preocupasse, eu falava à minha mãe sobre isso	.80	.73
Os meus pais nunca tinham a certeza de conseguiriam pagar as contas do mês	.63	.46
A nossa família tinha sempre o dinheiro necessário para pagar comida, a renda da casa ou o empréstimo	.67	.57
Nalguns meses tínhamos muito dinheiro para gastar, noutras meses estávamos pobres	.61	.43
Durante a semana (de segunda a sexta) o jantar era sempre à mesma hora	.86	.79
Era difícil prever a que horas	.82	.75

seriam as refeições					
<i>Eigenvalues</i>	6.65	3.15	1.86	1.5	1.3
				7	1
% de variância explicada	27.7	13.12	7.76	6.5	5.4
				4	5

* 1- Disciplina; 2- Afeto Paternal; 3- Afeto Maternal; 4- Finanças; 5- Refeições

O segundo fator apresenta pesos fatoriais elevados em seis itens (2, 5, 9, 14, 19 e 23), obtendo valores explicativos da variância total de 13,12%. Este fator permaneceu intacto relativamente ao instrumento original, denominando-se de afeto paternal. Alguns fatores apresentam saturações noutros fatores, mas nunca com uma diferença menor de .1, destacando-se claramente no segundo fator.

O terceiro fator apresenta pesos fatoriais elevados em 5 itens (4, 8, 13, 18 e 22), explicando 7,76% da variância total. Nesta dimensão foi mantida a denominação de afeto maternal. Um item foi excluído - o item número 1 - por saturar fortemente em três fatores diferentes¹⁶.

O quarto fator manteve a denominação original de finanças. Esta dimensão apresentou valores explicativos da variância total de 6,54%. Este fator demonstra pesos fatoriais elevados para 5 itens (6, 12, 17, 24, 27 e 28)¹⁷. Porém, os itens 24 e 27 não estão incluídos no fator finanças mas sim no fator refeições (o quinto fator), como definido e reconhecido pelos autores do instrumento original. Desta forma, considerámos necessária a exclusão destes dois itens de forma a mantermo-nos os mais fiéis possíveis ao instrumento original. Assim, este fator fica composto por três itens (6, 12 e 28) como estabelecido pelos autores.

Quanto ao quinto e último fator, este manteve a denominação de refeições, apresentando valores explicativos da variância total de 5,45%. Este fator revela pesos fatoriais elevados em dois itens (3 e 7). Quanto ao item 17, este viola o critério de saturar em mais do que um fator com uma diferença inferior a .1. Este mesmo item satura na quarta e quinta dimensão da escala com uma diferença de .02, sendo assim excluído da análise.

A versão portuguesa da Retro-FUS ficou assim constituída por 24 itens.

4.2. Estudo da fiabilidade do Retro-FUS

A análise da fiabilidade do instrumento Retro-FUS consiste no segundo estudo efetuado nesta investigação. Esta análise é fundamental quando a ACP é realizada com o objetivo de se validar um instrumento. A fiabilidade foi investigada relativamente ao total da escala e também às

¹⁶ O item 1 apresentou valores de saturação relativamente próximos em três fatores diferentes. Apesar de não violar o critério de saturar em mais de um fator com uma diferença menor de .1, a diferença para um dos fatores é de 1.2 e de 1.3 para o outro fator que este item também satura.

¹⁷ Na tabela 1 os itens 17, 24 e 27 já se encontram excluídos da análise.
A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

cinco dimensões nela incluída (disciplina, afeto paternal, afeto maternal, finanças e refeições) através do *alpha* de Cronbach¹⁸.

Na Retro-FUS enquanto escala global, a consistência interna apresentou valores de *alpha* de .88, quase alcançando o valor de .9 apontado por Nunnally (1978) como um *alpha* de Cronbach considerado muito bom.

Quanto às dimensões das escalas, começaremos pela disciplina. Este fator apresentou um *alpha* de Cronbach de .9 considerado como muito bom segundo os critérios nos quais nos baseámos.

Na dimensão afeto paternal, a consistência interna apresentou o resultado de *alpha* de .83 correspondente a valores bons, segundo Nunnally (1978).

Relativamente à dimensão afeto maternal, a consistência interna apresenta um valor de *alpha* razoável de .76.

Quanto ao fator finanças, este apresentou o pior valor de *alpha* (.55), considerado por Nunnally (1978) como inadmissível.

Por último, a dimensão refeições apresenta um valor de *alpha* de .67, indicado como fraco por Nunnally (1978).

Estas duas últimas dimensões irão ser abordadas no capítulo seguinte de forma a justificar a permanência das mesmas no nosso instrumento, tendo em conta os valores de consistência interna apresentados.

Consideramos pertinente uma comparação dos resultados obtidos com os resultados do *alpha* de Cronbach da versão original deste instrumento. Assim, segundo os resultados apresentados por Ross e McDuff (2008), o *alpha* de Cronbach da escala total foi de .87. Relativamente às dimensões do instrumento original, afeto paternal tem um *alpha* de Cronbach de .86, afeto maternal um valor de .82, finanças apresenta um *alpha* de .71 enquanto que refeições mostra um valor de .82. Em relação ao fator disciplina, o instrumento original subdivide-a entre disciplina paternal e disciplina maternal, com *alphas* de .67 e .79 respectivamente.

Comparando os valores de consistência interna verificados nas duas versões do instrumento, podemos verificar semelhanças no *alpha* de Cronbach enquanto escala total, na dimensão afeto paternal e no afeto maternal. Relativamente ao fator disciplina, o *alpha* de Cronbach da versão portuguesa é superior, no entanto, quanto às outras duas dimensões (finanças e refeições), o *alpha* é mais baixo.

A consistência interna que foi analisada nos parágrafos anteriores, é condição necessária mas não suficiente para a homogeneidade de um teste (Clark & Watson, 1995).

Desta forma, os valores das correlações item-total¹⁹ foram

¹⁸ De acordo com Nunnally (1978) e com Pestana e Gageiro (2005), os valores de *alpha* são vistos como inadmissíveis quando se encontram abaixo de .6, fracos entre .6 e .7, razoáveis entre .7 e .8, bons entre .8 e .9 e muito bons quando acima de .9. Estes foram os valores que utilizámos como referência comparativa.

¹⁹ De acordo com Streiner e Norman (1995), os valores das correlações devem ser superiores a .20; já Cohen (1988) defende que correlações entre .10 e .30 possuem uma magnitude baixa, entre .30 e .50 uma magnitude média e superiores a .50 uma magnitude elevada. Estes foram os critérios adoptados ao longo deste trabalho.

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

analisados, dando uma perspectiva mais clara sobre a homogeneidade do instrumento e também das suas dimensões integrantes.

Começando pela dimensão da disciplina, todos os itens apresentam correlações com magnitude elevada (Cohen, 1988) situados no intervalo entre .61 e .75.

Relativamente ao fator afeto paternal, todos os itens indicam também correlações com magnitude elevada (Cohen, 1988), com valores entre .52 e .68.

No fator afeto maternal, dois itens (4 e 8)²⁰ apresentam correlações de magnitude média (Cohen, 1988) enquanto que os outros itens constituintes desta dimensão revelam correlações de magnitude elevada (Cohen, 1988), variando entre .54 e .67.

Quanto à dimensão finanças, os valores das correlações são, todos eles, de magnitude média, encontrados entre .34 e .41.

Na última dimensão, as refeições, os valores das correlações são de magnitude média (Cohen, 1988).

Por fim, analisámos as correlações relativamente à escala total, com os 24 itens finais incluídos nesta análise. De acordo com os resultados obtidos, existem itens com correlações consideradas de magnitude baixa (4 itens), de magnitude média (9 itens) e de magnitude elevada (11 itens) (Cohen, 1988). Uma minoria de itens tem valores de correlação baixos, porém apenas um destes quatro itens apresenta um valor abaixo de .20, considerado por Streiner e Norman (1995) como não desejável. Ainda assim, decidimos manter o item por duas razões: i) a primeira prende-se com o facto de, segundo a análise das correlações entre o item e a dimensão onde está incluído, o item em causa apresentar valores de magnitude média (Cohen, 1988); ii) segundo, considerando os valores de *alpha* de Cronbach se item excluído.

Após esta análise realizada com o objetivo de verificar as correlações entre o item o seu fator correspondente, analisámos os valores de *alpha* se item excluído, com o intuito de verificar se com a exclusão de determinado item o *alpha* de Cronbach aumentaria.

Através dos resultados estatísticos, verificámos que em nenhuma das cinco dimensões, incluindo a própria escala na sua totalidade, existe um item que se excluído aumenta consideravelmente o *alpha* de Cronbach.²¹

Os valores em que nos baseamos para as análises acima descritas estão presentes na Tabela 3, onde serão apresentadas as magnitudes das correlações e os valores do *alpha* de Cronbach se item excluído.

²⁰ No caso do item 8, o *alpha* de Cronbach da dimensão aumentaria três milésimas. Considerámos essa diferença irrelevante e não justificativa da exclusão do item em causa.

²¹ Alguns dos itens se excluídos aumentariam o *alpha* de Cronbach de uma forma muito residual, não suficiente para abdicarmos da presença deles na estrutura final da escala. Como já referido, na dimensão afeto maternal, o item 8 aumentaria o *alpha* de Cronbach em três milésimas. Outro caso semelhante verificou-se na análise da escala total, onde os itens 3, 6 e 28 aumentariam o *alpha* de Cronbach em 2 milésimas, 1 milésimas e 2 milésimas respectivamente.

A imprevisibilidade familiar e a perspectiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

Tabela 3. Correlações item-total e *alphas* de Cronbach excluindo o item do instrumento Retro-FUS.

Fatores	Itens	Correlação item-Total	<i>Alpha</i> de Cronbach excluindo o item
Disciplina	10	.56	.87
	11	.52	.87
	15	.57	.87
	16	.54	.87
	20	.59	.87
	21	.56	.87
	25	.55	.87
	26	.54	.87
Afeto Paternal	2	.38	.88
	5	.43	.88
	9	.50	.87
	14	.45	.88
	19	.61	.87
	23	.57	.87
Afeto Maternal	4	.39	.88
	8	.43	.88
	13	.42	.88
	18	.54	.87
	22	.47	.87
Finanças	6	.25	.88
	12	.26	.88
	28	.17	.88
Refeições	3	.21	.88
	7	.32	.88

4.3. Estudo das correlações do Retro-FUS

Nesta etapa, procedemos à análise das correlações existentes na escala Retro-FUS. Foram verificadas as correlações entre os vários domínios, bem como, entre os diferentes domínios e a escala total. Assim, a análise das qualidades psicométricas tornar-se-á mais completa, representando um avanço na adaptação deste instrumento.

Antes de verificarmos as correlações, e para que se possa prosseguir com a operação, o pressuposto da normalidade da amostra deve ser analisado. Para isso foram realizados os testes de Kolgomorov-Smirnoff (K-

-S) e Shapiro-Wilk (S-W). Os resultados estatísticos obtidos nestes testes devem ser não significativos ($p > .05$), demonstrando assim que a amostra não é significativamente diferente de uma distribuição normal (Field, 2009).

Após a análise dos testes de K-S e de S-W, verificámos que existem valores estatisticamente significativos em todas as dimensões, bem como para a escala total. Os resultados estatísticos demonstram uma distribuição não normal (Field, 2009). Ainda assim, Field (2009) e Pallant (2005) afirmam que em amostras grandes este pressuposto pode não ser cumprido e os resultados serem estatisticamente significativos. Pallant (2005) considera 150 sujeitos como suficiente. A nossa amostra constitui-se por 261 sujeitos, o que poderá explicar a anormalidade da mesma. Decidimos assim prosseguir com a análise das correlações.

Apresentamos em seguida a tabela 4 que contém as médias e desvios padrão do instrumento Retro-FUS enquanto escala total e também das suas dimensões albergadas de forma a facilitar a interpretação dos resultados.

Tabela 4. Médias (M) e desvios-padrão (DP) para o instrumento Retro-FUS e suas dimensões

	Média	Desvio-Padrão
Retro-FUS total	2.36	0.04
Disciplina	2.46	0.06
Afeto Paternal	2.66	0.06
Afeto Maternal	2.31	0.05
Finanças	1.73	0,04
Refeições	2,18	0.62

Todos os resultados encontrados nesta análise das correlações estarão presentes na Tabela 5 e na Tabela 6 de forma a auxiliar visualmente a interpretação dos valores apresentados. Como referido, as análises das correlações foram feitas entre as diferentes dimensões e o próprio Retro-FUS total. Assim, foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre o Retro-FUS e as cinco dimensões: disciplina ($r = .79$, $p < .01$), afeto paternal ($r = .75$, $p < .01$), afeto maternal ($r = .71$, $p < .01$), finanças ($r = .40$, $p < .01$) e refeições ($r = .39$, $p < .01$).

Segundo os critérios de Cohen (1988)²², estão presentes nos resultados acima descritos correlações elevadas (disciplina, afeto paternal e afeto maternal) e correlações médias (finanças e refeições) das dimensões com a escala total.

²² Cohen (1988) defende que correlações entre .10 e .30 possuem uma magnitude baixa, entre .30 e .50 uma magnitude média e superiores a .50 uma magnitude elevada.

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

Tabela 5. Matriz de correlações entre o instrumento Retro-FUS e as suas dimensões para a população portuguesa.

	Retro-FUS
Disciplina	.79**
Afeto paternal	.75**
Afeto maternal	.71**
Finanças	.40**
Refeições	.39**

** p<.01

Abordamos agora as correlações analisadas entre as cinco dimensões, expostas na Tabela 6. Todas as correlações investigadas indicaram resultados com correlações positivas e estatisticamente significativos ($p<.05$, $p<.01$). Desta forma, a observação fundamental consiste na magnitude das correlações, com o intuito de distinguirmos quais os fatores com correlações maiores. Organizaremos esta descrição compartimentando os resultados pelos coeficientes de correlação elevados, médios e baixos (Cohen, 1998). Começando pelos coeficientes elevados, destacamos as correlações entre o afeto maternal e o afeto paternal.

Os coeficientes médios que se verificaram foram entre as dimensões disciplina e afeto maternal e disciplina e afeto paternal.

Todas as outras correlações apresentam magnitudes baixas, significando portanto que se correlacionam pouco entre si. O fator comum existente neste aglomerado de correlações é a presença das duas dimensões com um número pequeno de itens que o constituem - finanças e refeições - com três e dois itens, respetivamente. Esta condição talvez possa justificar a magnitude das correlações indicadas.

Tabela 6. Matriz de correlações entre as dimensões do instrumento Retro-FUS.

	Disciplina	Afeto Paternal	Afeto Maternal	Finanças	Refeições
Disciplina		.34**	.32**	.28**	.18**
Afeto Paternal			.57**	.13*	.19**
Afeto Maternal				.14*	.22**
Finanças					.18**
Refeições					

* p<.05

** p<.01

4.4. Estudo das correlações entre o Retro-FUS e o FTPS

Outro dos importantes objetivos deste projeto está explanado nesta secção. Pretendemos inquirir sobre a existência ou não de correlação entre estas duas variáveis, bem como verificar que tipo de direção e magnitude estariam implicados nesta correlação.

Para isso, decidimos verificar as correlações possíveis entre os totais obtidos através dos instrumentos Retro-FUS e FTPS, bem como as

dimensões que os constituem.

Por forma a verificar o pressuposto da normalidade no cálculo das correlações de Pearson, realizámos os testes adequados para tal: o teste de Kolgomorov-Smirnoff e o teste de Shappiro-Wilk. Os resultados demonstraram-se significativos ($p < .05$)²³, podendo a anormalidade da amostra dever-se ao tamanho da mesma²⁴.

Para a melhor compreensão dos resultados expostos, a Tabela 7 inclui todos os valores indicados.

Tabela 7. Tabela de correlações entre Retro-FUS e FTPS

	Valência	Conectividade	Rapidez	Extensão	FTPS Total
Disciplina	.15*	-.10	-.30**	-.08	-.10
Afeto paternal	0.05	-.04	-.20**	.01	-.05
Afeto maternal	.04	-.12	-.17**	.06	-.13*
Finanças	.03	-.26**	.04	-.03	-.17**
Refeições	.1	-.17**	-.16*	-.08	-.14*
Retro-FUS total	.12*	-.16**	-.29**	-.07	-.15*

• $p < .05$

** $p < .01$

No seguimento da análise das correlações entre os instrumentos Retro-FUS e a FTPS, optámos apenas por nos debruçar sobre os valores estatisticamente significativos ($p < .05$).

Assim, podemos observar correlações positivas apenas entre as dimensões disciplina e valência ($r = .15$, $p < .05$) e entre Retro-FUS total e valência ($r = .12$, $p < .05$). Porém, são correlações de magnitude baixa (Cohen, 1988) e segundo Streiner e Norman (1995) são correlações com valores que podem não ser considerados estatisticamente relevantes.

As correlações de direção negativa (a maioria), foram atestadas entre a dimensão conectividade e as dimensões da Retro-FUS finanças ($r = -.26$, $p < .01$), refeições ($r = -.17$, $p < .01$) e também com a escala total ($r = -.16$, $p < .01$).

Correlações estatisticamente significativas também foram verificadas entre a dimensão da rapidez e dimensões da Retro-FUS. Especificando, existem correlações entre a rapidez e a disciplina ($r = -.30$, $p < .01$) com magnitude baixa (Cohen, 1988), rapidez e afeto paternal ($r = -.20$, $p < .01$) com magnitude baixa (Cohen, 1988), rapidez e afeto maternal ($r = -.17$, $p < .01$) com magnitude baixa (Cohen, 1988) e rapidez e refeições ($r = -.16$, $p < .05$) com magnitude baixa (Cohen, 1988). Entre a escala total do Retro-FUS, instrumento que mede a imprevisibilidade retrospectiva, e a

²³ No teste K-S, apenas a a R-FUS e a FTPS enquanto escalas totais demonstraram valores não significativos. Quanto ao teste S-W, as dimensões disciplina e afeto maternal da escala R-FUS e a FTPS total demonstraram resultados não significativos.

²⁴ Como na análise prévia onde a análise da normalidade foi averiguada com os testes K-S e S-W, decidimos prosseguir com a análise das correlações usando a justificação do tamanho da amostra ser grande e em casos de amostras grandes, o pressuposto da normalidade não ser cumprido.

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

dimensão rapidez foi também verificada uma correlação negativa ($r = -.29$, $p < .01$) com magnitude baixa (Cohen, 1988).

Quanto à dimensão extensão, nenhum valor se demonstrou estatisticamente significativo.

Por último, a escala total da FTPS apresentou correlações negativas com os fatores finanças ($r = -.17$, $p < .01$), refeições ($r = -.14$, $p < .05$) e com a escala total da Retro-FUS ($r = -.15$, $p < .01$). Todos estes valores indicam correlações de magnitude baixa (Cohen, 1988).

4.5. Estudos complementares

Os estudos complementares executados debruçam-se sobre a necessidade de apurar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre géneros para ambas as variáveis presentes: a imprevisibilidade familiar retrospectiva e a perspetiva temporal de futuro. Com esse intuito, foi realizado o teste t de Student. Foram ainda verificados os pressupostos necessários: o pressuposto da normalidade, através dos testes de K-S e de S-W, e o pressuposto da homogeneidade das variâncias, aplicando o teste de Levene²⁵.

4.5.1. Estudo da imprevisibilidade familiar retrospectiva, consoante o género

Quanto à análise da normalidade do Retro-FUS consoante o sexo, os resultados não são significativos para o sexo feminino em ambos os testes. Para o sexo masculino, os resultados são significativos, tanto no teste K-S como no S-W, violando o pressuposto da normalidade ($p < .05$)²⁶. Quanto à homogeneidade das variâncias, verificada através do teste de Levene, obtivemos um valor estatisticamente não significativo [$F(1, 258) = 0.73$, ns], cumprindo assim com o pressuposto.

Tabela 8. Sumário da análise do Teste t de Student do Retro-FUS total, consoante o género.

	Sexo				F	P
	Masculino		Feminino			
	M	DP	M	DP		
Retro-FUS	2,41	0.57	2.29	0.65	.73	.39

Pela análise dos resultados obtidos através do teste t de Student, expostos acima na Tabela 8, podemos verificar que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o género masculino e o feminino em relação à imprevisibilidade familiar retrospectiva. Ainda assim, verificou-se um valor médio superior em estudantes universitários do sexo masculino

²⁵ É esperado encontrarem-se valores não significativos ($p > .05$) de forma a cumprir com o pressuposto da homogeneidade da variância.

²⁶ Mais uma vez consideramos que a violação deste pressuposto prende-se com o tamanho da amostra.

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

(M= 2.41; DP=0.57).

Considerámos importante realizar o mesmo procedimento, desta vez para investigar sobre diferenças entre géneros para as cinco dimensões desta versão da Retro-FUS. Realizados os testes necessários para aferir sobre os pressupostos para a realização da análise com o teste t de Student, os resultados obtidos no teste K-S violam o pressuposto da normalidade, apresentando valores significativos, nomeadamente nas dimensões refeições, afeto maternal e finanças, para ambos os géneros. Quanto ao teste S-W, alguns dos resultados obtidos violam também este pressuposto, designadamente nos fatores finanças e refeições, para ambos os sexos. Embora não cumpridos os pressupostos, decidimos prosseguir com a análise uma vez que este incumprimento se poderá dever ao tamanho da amostra.

Relativamente ao pressuposto da homogeneidade das variâncias, avaliado através do teste de Levene, todas as dimensões apresentaram valores não significativos ($p > .05$), cumprindo com o pressuposto da homogeneidade²⁷.

A Tabela 9 inclui todos os resultados obtidos.

Tabela 9. Sumário da análise do Teste t de Student das dimensões do instrumento Retro-FUS, consoante o género

	Sexo				F	P
	Masculino		Feminino			
	M	DP	M	DP		
Disciplina	2.47	0.91	2.42	0.96	.38	.64
Afeto Paternal	2.72	0.83	2.59	0.99	2.43	.26
Afeto Maternal	2.43	0.76	2.15	0.90	3.99	.01
Refeições	2.20	1.01	2.14	0.99	.0	.61
Finanças	1.73	0.74	1.70	0.68	1.02	.71

Como é possível verificar apenas a dimensão afeto maternal apresenta diferenças estatisticamente significativas em relação à variável género [$F(1, 258) = 3.99, p < .05$]. Constata-se também que os estudantes universitários do sexo masculino, apresentam valores médios maiores que as estudantes do sexo feminino em todas as dimensões.

4.5.2. Estudo da perspetiva temporal de futuro, consoante o género

Para realizar esta análise, efectuámos o mesmo tipo de procedimento que usámos para inquirir sobre a diferença de géneros no constructo da imprevisibilidade familiar retrospectiva. Assim, os pressupostos relativos à normalidade e à homogeneidade das amostras foram verificados.

Primeiramente, efetuamos a análise da normalidade da escala total da FTPS consoante o sexo através dos testes K-S e S-W. Todos os resultados obtidos são não significantes ($p > .05$), cumprindo assim com este

²⁷ A dimensão afeto maternal, apresenta um valor de significância de 0.47. Apesar de ser inferior a 0.5, consideramos muito próximo do valor de referência e portanto, aceitamos como valor não significativo.

A imprevisibilidade familiar e a perspetiva temporal de futuro em estudantes universitários: Estudo de tradução, adaptação e validação da *Retrospective Family Unpredictability Scale* (Retro-FUS) para a população portuguesa. Pedro Pereira (e-mail: pedroarc3@gmail.com) 2015

pressuposto.

Relativamente ao outro pressuposto requerido, o da homogeneidade das variâncias através do teste de Levene, verificámos que também este pressuposto foi cumprido [$F(1,258) = 0.15, ns$].

Para auxiliar a interpretação do estudo do teste t de Student por forma a investigar a diferença de géneros no constructo da perspetiva temporal de futuro na sua globalidade, expomos a Tabela 10.

Tabela 10. Sumário da análise do Teste t de Student do FTFS total, consoante o género

	Sexo				F	P
	Masculino		Feminino			
	M	DP	M	DP		
FTFS	3.33	0.32	3.40	0.33	.15	.11

Como podemos verificar na tabela acima exposta, não existem diferenças estatisticamente significativas entre géneros para os resultados da escala avaliativa da perspetiva temporal de futuro.

Ainda assim, podemos constatar que os valores médios dos resultados na nossa amostra foram superiores no grupo do sexo feminino.

Considerámos importante realizar o mesmo procedimento, desta vez para investigar sobre diferenças entre géneros para os quatro fatores desta escala.

Foram verificados os pressupostos requeridos para a análise com o teste t de Student. Relativamente ao pressuposto da normalidade, foram realizados os testes K-S e S-W. Começando pelo teste de K-S, todos os resultados apresentam valores estatisticamente significativos ($p < .05$), não cumprindo o pressuposto. Pelo teste S-W, no sexo feminino todos os valores apresentam resultados não significantes. Relativamente ao sexo masculino, as dimensões conectividade e rapidez apresentam valores significativos.

Quanto ao teste de Levene, aplicado com o objetivo de verificar o pressuposto da homogeneidade das variâncias, os resultados indicam que o pressuposto foi cumprido ($p > .05$).

Após a verificação dos pressupostos, foi realizado o teste t de Student. A Tabela 11 inclui todos os resultados obtidos.

Tabela 11. Sumário da análise do Teste t de Student das dimensões do instrumento FTFS, consoante o género

	Sexo				F	P
	Masculino		Feminino			
	M	DP	M	DP		
Conectividade	3.87	0.49	3.91	0.49	0.71	.48
Valência	3.02	0.49	3.05	0.57	0.91	.66
Rapidez	2.70	0.67	2.82	0.78	3.22	.15
Extensão	2.83	0.68	2.97	0.58	2.60	.09

Como é possível verificar na tabela 11, não existem diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos domínios do FTFS em relação ao género. Porém, podemos aferir que as estudantes universitárias

apresentam em todas as dimensões, valores médios superiores aos dos seus colegas do sexo masculino.

V - Discussão

Neste capítulo iremos discutir e refletir sobre os resultados obtidos e procurar enquadrá-los na matriz teórica apresentada na primeira parte do trabalho.

Como já postulado por várias ocasiões ao longo do presente estudo, o principal objetivo do mesmo consiste na tradução, adaptação e validação de um instrumento de avaliação – o Retro-FUS (Ross, McDuff, 2008) – para a população portuguesa que avalie a imprevisibilidade familiar experienciada na infância pelos adultos.

Com esse objetivo como horizonte, foram efetuadas cinco análises estatísticas com o Retro-FUS. Realizámos estudos de dimensionalidade, fiabilidade, correlações de Pearson e, complementarmente, estudos sobre a diferença entre géneros.

Apresentados os resultados no capítulo anterior, prosseguiremos agora com a explanação e discussão sobre os resultados obtidos.

De acordo com outros estudos onde o Retro-FUS foi utilizado como instrumento, este apresentou boas qualidades psicométricas revelando-se uma escala adequada para avaliar a imprevisibilidade familiar em retrospectiva. Porém, o Retro-FUS ainda não tinha sido validado para a população portuguesa, não se encontrando registos da sua utilização em estudos nacionais. A autora Ross (em colaboração com Hill) criou também a *Family Unpredictability Scale* (FUS), que foi validada para a população portuguesa por Alarcão & Gaspar (2007). Assim, a validação de mais um instrumento avaliativo desta importante variável na dinâmica familiar, revela-se essencial.

A dimensionalidade da Retro-FUS traduzida para a população portuguesa, o primeiro estudo realizado neste projeto, apresentou uma estrutura fatorial bastante similar à do instrumento original. Durante toda esta análise, mantivemo-nos o mais fiéis possível à escala original (Ross, McDuff, 2008). Foram, no entanto, necessárias pequenas alterações tendo em conta que as realidades culturais e sociais entre as populações são diferentes. Assim, a Retro-FUS para a população portuguesa é composta por cinco fatores e embora tendo menos um fator do que a versão original, nenhum fator foi verdadeiramente excluído. A versão original apresenta quatro fatores com definição própria: disciplina, afeto, finanças e refeições. Porém, disciplina e afeto subdividem-se por cada um dos progenitores, obtendo-se disciplina paternal, disciplina maternal, afeto paternal e afeto maternal. Quanto às dimensões da versão portuguesa, a disciplina não foi distinguida entre disciplina paternal e maternal, aglutinando-se numa única dimensão. Podemos interpretar estes resultados sugerindo que a disciplina enquanto constructo que avalia a consistência em estabelecer e manter regras, não se distingue entre pai e mãe. Para os sujeitos desta amostra, a consistência disciplinar praticada pelos progenitores era realizada em consonância, não apresentando diferenças. Esta alteração em relação à

estrutura fatorial Retro-FUS pode ser reflexo de diferenças culturais entre as populações do estudo original e a população desta investigação. Por este motivo, em estudos posteriores, propõe-se a introdução de novos itens para cada dimensão com o intuito de encontrar perspetivas mais adequadas para a população portuguesa.

Ao nível da nomenclatura das dimensões não foi realizada qualquer alteração. Assim, os fatores finais da Retro-FUS para a população portuguesa são: disciplina, afeto paternal, afeto maternal, finanças e refeições.

A distribuição dos itens pelos cinco fatores sofreu algumas mudanças, como seria expectável, já que o contexto cultural e social da população deste estudo é diferente do da população utilizada na validação da escala original. As diferenças existentes são todas devidas a exclusão de itens.

No fator disciplina nenhum item foi retirado, sendo constituído por 8 itens.

No fator afeto paternal nenhum item foi retirado, sendo composto por 6 itens.

No fator afeto maternal foi retirado um item, sendo agora constituído por 5 itens. O item excluído foi o item número 1 por saturar em três dimensões em simultâneo. Segundo os critérios em que nos baseámos (Comrey & Lee (1992), Hill, 2000 & Reis, 1997, cit in. Pestana & Gageiro, 2005, Tabachnik & Fidell, 2007), este item teria obrigatoriamente que ser excluído.

Quanto ao fator finanças, foi o que sofreu maiores alterações. Passou de uma dimensão constituída por 5 itens para uma de 3 itens apenas. O fator finanças tornou-se assim num fator frágil desta versão, porém, a inclusão dos itens 24 e 27 não iria acrescentar qualquer tipo de benefício nem para o próprio fator nem para a escala na sua globalidade. A exclusão destes dois itens deveu-se simplesmente ao facto de ambos saturarem fortemente numa dimensão que não corresponde à original. Simplificando, os itens que deveriam avaliar questões financeiras estavam a avaliar outras questões.

Por último, no fator refeições retirámos o item número 17 por saturar em mais do que uma dimensão com uma diferença reduzida no seu valor de saturação.

Apesar de terem sido excluídos quatro itens, procurou-se em toda a instância sermos fiéis com a versão original alterando só quando realmente necessário.

Podemos aferir que a Hipótese 2 - Prevê-se que o Retro-FUS apresente uma estrutura fatorial semelhante à versão original – foi corroborada.

Analisaremos agora o segundo estudo realizado, direcionado para a análise da fiabilidade do Retro-FUS. Os resultados permitem constatar que o instrumento apresenta, na sua maioria, bons índices de consistência interna e similares aos encontrados noutras investigações onde o Retro-FUS foi utilizado. As dimensões de finanças e refeições apresentaram valores pobres nesta análise através dos *alphas* de Cronbach ($\alpha = .55$, $\alpha = .67$,

respectivamente). A dimensão finanças foi o fator que mais alterações sofreu na sua constituição e essa pode ser a justificação para o valor de *alpha*. Convém referir que na validação da escala FUS (*Family Unpredictability Scale*) realizado por Alarcão e Gaspar (2007), o valor de *alpha* da dimensão finanças foi também considerado frágil. Quanto ao fator refeições, consideramos que um fator com apenas dois itens pode tornar-se demasiado vulnerável. Recomenda-se assim que num próximo uso do instrumento Retro-FUS para populações portuguesas, se tenha uma atenção acrescida relativamente a estas duas dimensões, procurando assim aumentar a sua consistência interna.

O Retro-FUS total apresentou um bom *alpha* de Cronbach ($\alpha=.88$). As dimensões também apresentaram valores bons e muito bons segundo Nunnally (1978) e similares à versão original [disciplina ($\alpha=.9$); afeto paternal ($\alpha=.83$); afeto maternal ($\alpha=.76$)].

Passamos agora ao terceiro estudo onde procurámos inquirir sobre as associações das dimensões entre si e também da escala total com as cinco dimensões. As correlações obtidas são todas positivas e estatisticamente significativas, sugerindo que avaliam o mesmo constructo e que se relacionam num mesmo sentido.

Convém referir que a maioria das correlações são de magnitude baixa (Cohen, 1988). Todas as correlações de magnitude baixa têm os fatores finanças ou refeições como elemento comum. Reforça-se a necessidade de estas duas dimensões serem revistas em investigações futuras.

Assim, através dos vários estudos mencionados até então – dimensionalidade, fiabilidade e correlações – podemos afirmar que a Hipótese 1 - É esperado que o Retro-FUS apresente uma boa consistência interna e boas qualidades psicométricas – foi parcialmente corroborada. Não considerámos totalmente corroborada por dois motivos: i) devido aos valores de consistência interna das dimensões finanças e refeições; ii) e pela magnitude baixa na maioria das correlações do instrumento Retro-FUS.

O quarto estudo tinha como objetivo verificar as associações existentes entre a imprevisibilidade familiar retrospectiva com o Retro-FUS e a perspetiva temporal de futuro dos sujeitos utilizando o FTFS, através das correlações de Pearson. Podemos constatar que a correlação entre os *scores* totais destes instrumentos são negativas e estatisticamente significativas, como previsto na Hipótese 5 - Prevê-se que exista uma correlação negativa entre a imprevisibilidade familiar total e a perspetiva temporal de futuro total – corroborando esta hipótese. Estes resultados sugerem que quando os valores obtidos no Retro-FUS aumentam, os resultados do FTFS tenderão a diminuir. Estas conclusões vão ao encontro do que a literatura postula (Hill et col., 1997; Hill, et col., 2008).

Considerámos pertinente analisar também as correlações estatisticamente significativas observadas entre as dimensões dos dois instrumentos: Retro-FUS e FTFS apesar de esta análise não estar incluída nas hipóteses deste trabalho, já que não foram encontradas investigações que associassem todas as dimensões do Retro-FUS com todas as dimensões do

FTPS. Ainda assim, seria de esperar que as correlações verificadas entre as dimensões dos dois instrumentos fossem negativas.

Os resultados sugerem que existem correlações negativas entre as várias dimensões dos dois instrumentos apesar de a maioria ser constituída por correlações de magnitude baixa (Cohen, 1988). A dimensão da conectividade relacionou-se negativamente com as dimensões finanças, refeições e com a Retro-FUS total; a rapidez correlacionou-se de forma inversa com a disciplina, afeto paternal, afeto maternal, refeições e com a Retro-FUS total; a FTPS total apresentou correlações negativas com as dimensões afeto maternal, finanças e refeições. Quanto à dimensão valência esta apresentou resultados que não seriam esperados, apresentando correlações positivas com a dimensão disciplina e com o Retro-FUS total.

Segundo estes resultados convém sublinhar o carácter da magnitude baixa de todas as correlações estatisticamente significativas assinaladas.

Uma das justificações possíveis para estes resultados relativos à dimensão valência pode consistir no facto da amostra ser composta unicamente por estudantes universitários em fase de exames, onde o planeamento do estudo para metas a longo prazo está mais presente.

Estes resultados relativos à dimensão valência podem dever-se à dimensionalidade dos instrumentos. A dimensionalidade consiste na diferenciação uni ou multidimensional de um constructo, ou seja, se esse constructo é considerado como global ou se é constituído por partes que o compõem. Ambos os instrumentos que avaliam dois constructos são compostos por dimensões que podem exercer uma influência diferente na determinação dos valores do constructo global.

Concluimos assim que as relações entre os constructos não ocorrem de forma linear e que diferentes dimensões podem-se expressar de forma mais intensa do que outras.

Porém tais resultados podem ser considerados normais já que a Retro-FUS é uma escala que ainda está em fase de construção e discussão.

Convém também analisar as limitações que uma escala retrospectiva (que se refere à infância dos participantes) pode transparecer. Estas escalas reflectem representações memoriais sobre a infância. Fatores como a exatidão das memórias, eventos emocionais associados e a susceptibilidade a distorções devem ser considerados e controlados (Levine & Safer, 2002), apesar de serem difíceis de serem testados (Bernsten, 2002).

Ross (2006), afirma que a análise ideal da imprevisibilidade familiar experienciada na infância consistiria em construir um instrumento direccionado para crianças, com o objetivo de os relatos não serem enviesados. O autor afirma que esse projeto se encontra em desenvolvimento. Consideramos que seria uma mais-valia para a avaliação da imprevisibilidade familiar se esse projeto fosse completo e pudesse ser objeto de estudo na população portuguesa.

A última análise realizada consistia em estudos complementares que visavam a observação de diferenças nos resultados obtidos consoante o género.

Foram feitas comparações através do teste t de Student para a escala

FTPS e os resultados foram não significativos, o que indica que não há evidência de diferenças entre géneros. Desta forma, a Hipótese 6 - Não se preveem diferenças estatisticamente significativas entre géneros, relativamente à variável da perspetiva temporal de futuro – foi corroborada. Estes resultados vão ao encontro de algumas conclusões obtidas em estudos realizados. Segundo Ferrari, Nota & Soresi (2010) as diferenças entre géneros relativamente à qualidade da perspetiva temporal de futuro tenderá a desaparecer fruto de uma maior igualdade de géneros. Esta população distingue-se por ser composta unicamente por sujeitos que frequentam o ensino superior. Ensino esse que não é obrigatório e portanto só o frequenta quem conseguiu obter um conjunto de sucessos escolares ao longo da vida académica. Segundo a nossa interpretação destes resultados não significativamente estatísticos, o sucesso escolar é também um fator que pode influenciar esta indiferença entre géneros. Investigações anteriores, mostram que o género interage com o sucesso escolar para prever variáveis da perspetiva temporal.

Pareceu-nos pertinente verificar também a existência de diferenças entre géneros para o Retro-FUS. Foi possível constatar que também não há diferenças estatisticamente significativas neste caso. Os resultados entre os homens e as mulheres da amostra não são estatisticamente diferentes.

Em suma, consideramos que os nossos resultados são extremamente pertinentes, correspondendo aos objetivos a que inicialmente nos propusemos. Naturalmente que consideramos que devem ser realizados novos estudos, por forma a testar outras análises estatísticas do Retro-FUS. Recorrer a amostras mais diversificadas também poderá ser uma consideração positiva. Porém, consideramos legítima a utilização deste instrumento para a população portuguesa.

VI – Conclusões

Segundo os resultados que foram obtidos neste estudo exploratório, o instrumento Retro-FUS revela-se um instrumento válido para adultos da população portuguesa, pertinente para avaliar a imprevisibilidade familiar experienciada durante a infância. Os resultados demonstraram-se adequados relativamente às análises de dimensionalidade, fiabilidade e das correlações do instrumento em causa, apresentando boas qualidades psicométricas ainda que tenha revelado algumas fragilidades na sua validação, nomeadamente com um valor de *alpha* de Cronbach de .55 (finanças) e de .67 (refeições).

Assim, o objetivo principal deste estudo considera-se atingido, traduzindo-se num avanço plausível nesta área de estudo. Mantivemo-nos fieis à escala original, mantendo a mesma estrutura fatorial e excluindo o mínimo número de itens possível. Apesar de se tratar de uma amostra diferente da original, com características culturais e sociais próprias, as particularidades do instrumento foram mantidas em grande parte.

Consideramos necessário um enfoque em replicar novos estudos com instrumento, por forma a melhorar as análises que foram feitas e diversificá-las. Convém salientar que o processo de validação é um processo inacabado (Nunnally, 1978). Esta investigação foi realizada recorrendo a

uma amostra composta unicamente por sujeitos universitários, tornando-se pertinente investigar a adequação da escala com amostras mais abrangentes, diversificadas e aleatórias. Nesses novos estudos, a deseabilidade social deve também ser controlada.

Através dos resultados relativos à associação entre a imprevisibilidade familiar retrospectiva e perspectiva temporal de futuro podemos concluir que existe uma relação negativa entre alguns domínios como as investigações anteriores postulam. Porém nem todas as associações se demonstraram tão fortes como o previsto, remetendo para a necessidade de se explorarem novos trabalhos. Certo é que a imprevisibilidade familiar experienciada numa fase precoce da vida demonstra um poder influente em variadíssimos domínios da vida dos sujeitos e afetando o bem estar familiar. Desta forma, as rotinas e as interações imprevisíveis devem ser comportamentos a que as famílias devem estar alertadas e atentas. Já existem programas de sensibilização para a existência de afeto e de disciplina nas famílias, sendo agora necessário alertar para a regularidade e consistência das mesmas com o intuito de melhorar o funcionamento familiar. Assim, uma intervenção preventiva e de tratamento com o intuito de melhorar as rotinas e os comportamentos familiares revelam-se pertinentes e assunto de reflexão para profissionais na área de psicologia.

A investigação aponta para algumas consequências que advêm da imprevisibilidade familiar, procurando alertar para o facto de que o controlo prévio possa ser a melhor medida a tomar. Verificamos que a imprevisibilidade familiar está associada à pobreza (Ross, 2006), divórcio (Ross & McDuff, 2008; Heatherington, Stanley-Hagan e Anderson, 1989; Ross e McDuff, 2006) e depressão (Ross & Wynne, 2010), sendo sabido que que o número de divórcio cresce, a depressão tem aumentado de níveis nos últimos anos e o estado socioeconómico tarda em melhorar.

Espera-se que este trabalho seja uma mais-valia, ainda que modesta, nas áreas de estudos da imprevisibilidade familiar experienciada na infância e na perspectiva temporal de futuro, reforçando a importância de se avaliar a imprevisibilidade familiar bem como as implicações que a mesma terá na vida futura dos sujeitos.

Bibliografia

- Ainsworth, M. D. S. (1979). Attachment as related to mother-child interaction. In J. S. Rosenblatt, R. A. Hinde, C. Beer, & M. Busnel (Eds. 11), *Advances in the study of behavior* (Vol. 9) (1-51). San Diego: CA, Academic Press.
- Alarcão, M. & Gaspar, F. M. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*, 17 (36), 89-102.
- Amato, P. R. & Keith, B. (1991). Parental divorce and the well-being of children: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 110, 26-46.
- Amato, P. R. (2001). Children of divorce in the 1990's: An update of the Amato and Keith (1991) meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 15, 355-370.
- Avci, S. (2013). Relations between self regulation, future time perspective and the delay of gratification in university students. *Education*, 133 (4), 525-537.
- Baumrind, D. (1996). The discipline controversy revisited. *Family Relations*, 45 (4), 405-414.
- Bembenutty, H., & Karabenick, S. A. (2004). Inherent association between academic delay of gratification, future time perspective, and self-regulated learning. *Educational Psychology Review*, 16(1), 35-57
- Berntsen, D. (2002). Tunnel memories for autobiographical events: Central details are remembered more frequently from shocking than from happy experiences. *Memory & Cognition*, 30 (7), 1010-1020.
- Bretherton, I. (2005). In pursuit of the internal working model construct and its relevance to attachment relationships. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies* (13-47). New York: The Guilford Press.
- Brown, W. T., & Jones, J. M. (2004). The substance of things hoped for: A study of the future orientation, minority status perceptions, academic engagement, and academic performance of black high school students. *Journal of Black Psychology*, 30 (2), 248-273
- Carvalho, R. G. (2007). *Perspectiva Temporal de Futuro em Contexto Educativo*. Tese de Mestrado não-publicada. Universidade Aberta, Lisboa.
- Chisholm, J. (1996). The evolutionary ecology of attachment organization. *Human Nature*, 7 (1), 1-37.
- Clark, L. A. & Watson, D. (1995). Constructing Validity: Basic Issues in Objective Scale Development. *Psychological Assessment*, 7 (3), 309-319.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2.^a ed.). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.

- Comrey, A. L. & Lee, H. B. (1992). *A first course in factor analysis*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Correia, I. C. (2012). *Imprevisibilidade familiar e percepção de suporte social em famílias sinalizadas para intervenção precoce-confronto com famílias de comunidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Cronbach, L. J. & Meehl, P. E. (1955). Construct Validity in Psychological Tests. *Psychological Bulletin*, 52 (4), 281-302. Doi: 10.1037/h0040957.
- Cronbach, L. J. (1951). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16 (3), 297-334.
- De Volder, M. L. & Lens, W. (1982). Academic achievement and future time perspective as a cognitive-motivational concept. *Journal of personality and social psychology*, 42. 566-571
- DeVellis, R. F. (2003). *Scale Development: Theory and applications* (2.^a ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Ferrari, L., Nota, L. & Soresi, S. (2010). Time perspective and indecision in young and older adolescents. *British Journal of Guidance and Counseling*, 38 (1), 61-82.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3.^a ed.). Los Angeles: Sage Publications.
- Fortunato, V. J. & Furey, J. T. (2010). The theory of mindtime. The relationships between thinking perspective and time perspective. *Personality and Individual Differences*, 48, 436-441.
- Gellert, P., Ziegelmann, J. P., Lippke, S., Schwarzer, R. (2001). Future time perspective and health behaviors: Temporal framing of self-regulatory processes in physical exercise and dietary behaviors. *The Society of Behavioral Medicine*, 43, 208-218. doi: 10.1007/s12160-011-9312-y.
- Gjesme, T. (1996). Future-time orientation and motivation. In T. Gjesme & R. Nygard, *Advances in motivation*, (210–222)- Scandinavian University Press, Cambridge.
- Hill, E. M., Ross, L. T., & Low, B. S. (1997). The role of future unpredictability in human risk-taking. *Human Nature*, 8(4), 287-325. doi:1.1007/BF02913037.
- Hill, E. M., Young, J. P., Nord, J. L. (1994). "Childhood adversity, attachment security, and adult relationships: A preliminary study". *Ethology and Sociobiology*, 15(5-6), 323-338.
- Hill, E., Jenkins, J. & Farmer, L. (2008). Family unpredictability, future discounting, and risk taking. *The Journal of Socio-Economics*, 37, 1381-1396.
- Husman, J. & Lens, W. (1999). The role of the future in student motivation. *Educational Psychologist*, 34, 113-125.
- Husman, J. & Shell, D. F. (2008). Beliefs and perceptions about the future: A measurement of future time perspective. *Learning and Individual Differences*, 18 (2). 166-175
- Janeiro, I. N. (2006). *A perspetiva temporal, as crenças atribucionais, a*

auto-estima e as atitudes de planeamento e de exploração da carreira - estudo sobre os determinantes da maturidade na carreira em estudantes dos 9º e 12º anos. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

- Janeiro, I. N. (2012). O Inventário de Perspectiva Temporal: Estudo de validação. *RIDEP*, 1(349), 117-132.
- Jensen, E. W., James, S. A., Boyce, W. T. & Hartnett, S. A. (1983). The Family Routines Inventory: Development and validation. *Social Science and Medicine*, 17, 201-211.
- Kline, P. (1993). *An easy guide to factor analysis*. London: Routledge.
- Levine, L. J., & Safer, M. A. (2002). Sources of bias in memory for emotions. *Current Directions in Psychological Science*, 11, 169-173.
- Lewin, K. (1935). *A dynamic theory of personality*. New York. McGraw-Hill.
- Malka, A., & Covington, M. V. (2005). Perceiving school performance as instrumental to future goal attainment: Effect on graded performance. *Contemporary Educational Psychology*, 30(1), 60-80.
- McClure SM, Laibson DI, Loewenstein G, Cohen JD (2004) Separate neural systems value immediate and delayed monetary rewards. *Science*, 306, 503–507.
- McInerney, D. M. (2004). A discussion of Future Time Perspective. *Educational Psychology Review*, 16 (2), 141-151.
- Mischel, H. N. & Mischel, W. (1983). The development of children's knowledge of Self-Contro Strategies. *Child Development*, 54, 603-619
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory*. New York: Mcgraw-Hill
- Nurmi, J. (2005). Thinking about and acting upon the future: Development of future orientation across the life span. In A. Strathman & J. Joireman (Eds.), *Understanding behavior in the context of time: Theory, research, and application*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Nuttin, J. & Lens, W. (1985) . *Future time perspective and motivations: Theory and research method*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Nuttin, J. L. E. (1984). *Motivation, Planning, and Action: A Relational Theory of Behavior Dynamics*. Taylor & Francis.
- Orbell S, Kyriakaki M. (2008). Temporal framing and persuasion to adopt preventive health behavior: Moderating effects of individual differences in consideration of future consequences on sunscreen use. *Health Psychology*, 27, 770–779.
- Paixão, M. P. (1987). Revisão crítica dos principais estudos e investigações sobre a P.T.F. In *Programa de investigação "Perspectiva Temporal de Futuro"*.
- Paixão, M. P. (1996). *Organização da Vivência do Futuro e Comportamento de Planificação: compreensão dos processos motivacionais e cognitivos na elaboração e avaliação de projectos pessoais*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra, Portugal.
- Paixão, M. P. (2004). A dimensão temporal do futuro na elaboração de objectivos pessoais e organização de projectos vocacionais.

- Psychologica, Extra-Série*, 273-286.
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS* (2.^a ed.). Australia: Allen & Unwin.
- Peetsma, T. T. D. (2000). Future time perspective as a predictor of school investment. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 44, 177-192.
- Peetsma, T., Veen, I. (2011). Relations between the development of future time perspective in three life domains, investment in learning, and academic achievement. *Learning and Instruction*, 21, 481-494.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de Dados para Ciências Sociais. A Complementaridade do SPSS* (4.^a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Reuter T, Ziegelmann JP, Wiedemann AU, et al. (2010). Planning bridges the intention-behaviour gap: Age makes a difference and strategy use explains why. *Psychology & Health*, 25, 873-887.
- Ross, L. & Hill, E. (2001). Drinking and parental unpredictability among adult children of alcoholics: A pilot study. *Substance Use and Misuse*, 36, 609-638.
- Ross, L. & Hill, E. (2002). Childhood unpredictability, schemas for unpredictability, and risk taking. *Social Behavior and Personality*, 30 (5), 453-474.
- Ross, L. & Wynne, S. (2010). Parental depression and divorce and adult children's well-being: the role of family unpredictability. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 757-751.
- Ross, L. & Hill, E. (2000). The Family Unpredictability Scale: Reliability and Validity. *Journal of Marriage and the Family*, 62(2), 549-561.
- Ross, L., & McDuff, J. (2008). The Retrospective Unpredictability Scale: Reliability and validity. *Journal of Child of Family Studies*, 17, 13-27.
- Ross, L., T. (2006). Family Unpredictability. In Devore, D., M., *Parent-child Relations: New Research*, (121-141). Nova Science Publishers, Inc.
- Rothspan, S. & Read, S. J. (1999). Present versus future time perspective and HIV risk among heterosexual college students. *Health Psychology*, 15 (2), 131-134.
- Santos, E. (1985). Psicologia e Futuridade. Programas de desenvolvimento vocacional. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 139-150.
- Santos, E.R. & Paixão, M.P. (1986). Dos objectos motivacionais aos projectos vocacionais: a contribuição dos estudos sobre a perspectiva temporal de futuro (PTF) In Programa de investigação "Perspectiva temporal de futuro".
- Shell, D. F. & Husman, J. (2001). The multivariate dimensionality of personal control and future time perspective beliefs in achievement and self-regulation. *Contemporary Educational Psychology*, 26, 481-506.
- Simons, J., Vansteenkiste, M., Lens, W., & Lacante, M. (2004). Placing

- motivation and future time perspective theory in a temporal perspective. *Educational Psychology review*, 16 (12), 121-139.
- Streiner, D. L. & Norman, G. R. (1995). *Health measurement scales: A practical guide to their development and use* (2.^a ed.). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (2007). *Using multivariate statistics* (5.th ed.). Boston: Pearson.
- Trommsdorff, G. (1983). Future orientation and socialization. *International Journal of Psychology*, 18, 381-406.
- Walker, T. L. & Tracey, T., J., G. (2012). The role of future time perspective in career decision-making. *Journal of Vocational Behavior*, 81, 150-158.
- Watkins, M., W. (2000). Monte Carlo PCA for Parallel Analysis. Acedido Janeiro 15, 2015, em http://www.allenandunwin.com/spss/further_resources.html
- Williams, L. C. (2010). Attachment style in college students: Family origins and mental health correlates. *Chrestomathy*, 9, 204-226.
- Zimbardo, P. G. & Boyd, J. N. (1999). Putting time in perspective: A valid, reliable individual-differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77 (6), 1271-1288.
- Zimbardo, P. G. (1992). *Psychology and life* (13.th ed.). New York: HarperCollins.

Anexos

Anexo 1. Características descritivas da amostra

		N	%
Sexo	Feminino	115	44.1
	Masculino	143	54.8
Idade	18	24	9.3
	19	74	28.7
	20	63	24.4
	21	48	18.6
	22	19	7.4
	23	8	3.1
	24	9	3.5
	25	3	1.2
	26	1	.4
	27	1	.4
	28	1	.4
	29	3	1.2
	34	1	.4
	40	1	.4
45	1	.4	
48	1	.4	
Ciclo de estudos	Ciências da Educação	39	14.94
	Engenharia Mecânica	62	23.75
	Engenharia Informática	115	44.06
	Psicologia	13	4.98
	Engenharia do Ambiente	32	12.26